



**FUNDAÇÃO COMUNITÁRIA TRICORDIANA DE EDUCAÇÃO**  
*Decretos Estaduais nº 9.843/66 e nº 16.719/74 e Parecer CEE/MG nº 99/93*  
**UNIVERSIDADE VALE DO RIO VERDE DE TRÊS CORAÇÕES**  
*Decreto Estadual nº 40.229, de 29/12/1998*  
**Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão**

**O USO DE CONECTORES ARGUMENTATIVOS  
EM PRODUÇÕES DE ALUNOS DO CURSO  
NORMAL SUPERIOR**

**Três Corações  
2006**

**BIBLIOTECA CONSELHEIRA  
DRA. NAIR FORTES ABU-MERHY**

**CDD: CR378**

**Cutter: S726u**

**Título: O uso de conectores  
argumentativos em produções de  
alunos universitários em produções de  
alunos universitários**

**Autor: SOUTO, G. FREIRE CORRÊA**

**REGISTRO**



1.139/67

**UNINCOR**  
BIBLIOTECA

**UNINCOR**  
Pós-Graduação  
Número: 5736  
Livro: 01 Folha: 49  
Secretaria: Padro H.P. Videla

**GLÁSIA FREIRE CORRÊA SOUTO**

**O USO DE CONECTORES ARGUMENTATIVOS  
EM PRODUÇÕES DE ALUNOS DO CURSO  
NORMAL SUPERIOR**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Letras da Universidade Vale do Rio Verde de Três Corações - UNINCOR, para a obtenção do título de Mestre. Área de Concentração: Letras.

**Orientador**

Prof. Dr. Paulo Roberto Almeida

**Três Corações  
2006**

378  
S726u

Souto, Glásia Freire Corrêa

O uso de conectores argumentativos em produções de alunos universitários / Glásia Freire Corrêa Souto. -- Três Corações : Universidade Vale do Rio Verde de Três Corações, 2006.

96 f.

Orientador : Paulo Roberto Almeida.

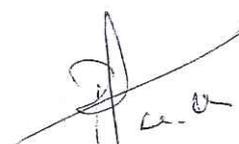
Dissertação (mestrado) - UNINCOR / Universidade Vale do Rio Verde de Três Corações / Curso de Letras, 2006.

1. Ensino superior. 2. Argumentação. 3. Conectivos. 4. Produção de texto. I. Almeida, Paulo Roberto. II. Universidade Vale do Rio Verde de Três Corações. III. Título.

## ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Aos trinta e um dias do mês de agosto do ano de dois mil e seis, sob a presidência do **Professor Doutor Paulo Roberto Almeida**, e com a participação dos membros **Professora Doutora Aparecida Maria Nunes** e **Professor Doutor Emerson de Pietri**, que se reuniram para a banca da defesa da dissertação de **Glásia Freire Corrêa Souto**, aluna do Curso de Mestrado em Letras. O título de sua dissertação é "*O Uso de Conectores Argumentativos em Produções de Alunos Universitários*". O resultado foi pela aprovação. Eu, secretário, lavro a presente ata que, depois de lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos demais membros da banca examinadora.

Três Corações, 31 de agosto de 2006.

  
Prof. Dr. Paulo Roberto Almeida  
Presidente

  
Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Aparecida Maria Nunes  
Membro da Banca

  
Prof. Dr. Emerson de Pietri  
Membro da Banca

  
Prof. Ms. Clovis Luis Mazzaro  
Secretário Geral  
0053/2006

AOS MEUS PAIS, WILSON e IÊDA, por me guiarem e servirem de exemplos de vida.

## OFEREÇO

Aos meus filhos Bruno e Andressa, pelo amor, carinho, compreensão mesmo na minha ausência, dando-me muitas razões para que continuasse. Deixo o exemplo de coragem. Por mais difícil que seja nossa trajetória, jamais desistam de seus sonhos.

Ao Alysson Eugênio, sobrinho e afilhado, que a determinação é fundamental em nossas vidas.

Há um grande amigo, que esteve ao meu lado em todos os momentos, mostrando-me que seria capaz e vitoriosa.

Minhas grandes amigas D<sup>a</sup> Ana Maria Almeida, Izabel Cambraia Freire, Astrogilda Galdina de Souza, Juliana Almeida, Ana Paula Almeida e Viviane Cardoso pelas palavras amigas e de apoio.

Aos amigos de curso, José Adalberto Moura e Maria Elisa Gonçalves, pelos bons momentos. Vocês tornaram-se inesquecíveis!

## DEDICO

## **AGRADECIMENTO ESPECIAL**

Ao meu orientador Prof. Dr. Paulo Roberto Almeida, pela dedicação, interesse e apoio durante a orientação. Com sua garra e determinação mostrou-me que seria capaz. Minha vitória é também sua! Muito obrigada.

## AGRADECIMENTOS

A DEUS, chegar ao final, não foi uma tarefa fácil, enfrentei vários obstáculos.

Agradeço por estar sempre ao meu lado nos momentos de tristezas, desesperos e por ter me conduzido, fazendo com que encontrasse o caminho da vitória.

Hoje sei que os obstáculos servem para nosso crescimento e jamais devemos desistir dos nossos sonhos. Precisamos de coragem, determinação e muito esforço.

Ao Prof. Dr. Paulo Roberto Almeida, pela dedicação e interesse durante a orientação, pela compreensão e principalmente pela amizade. Muito obrigada.

Aos professores do curso, pelo aprendizado e dedicação.

À Universidade Vale do Rio Verde, pela oportunidade de concretizar o Mestrado.

Ao Prof. Dr. Natanael Átilas Aleva, Pró-Reitor de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão, pela oportunidade. Obrigada!

“Para ser grande, sê inteiro: nada  
Teu exagera ou exclui.  
Sê todo em cada coisa.  
Põe quanto és  
No mínimo que fazes  
Assim em cada lago a lua toda  
Brilha, porque alta vive”.

(Fernando Pessoa)

## SUMÁRIO

RESUMO .....	8
ABSTRACT .....	9
1 INTRODUÇÃO .....	10
2 REFERENCIAL TEÓRICO .....	12
2.1 Leitura e Produção de Textos .....	12
2.1.1 A leitura.....	12
2.1.2 A produção de textos.....	15
2.2 A Linguística Textual e a Concepção de Texto.....	19
2.3 Texto Argumentativo .....	22
2.3.1 Expedientes da Argumentação.....	24
2.3.2 Procedimentos de Argumentação .....	25
2.3.3 O encadeamento de segmentos textuais no texto argumentativo.....	25
3 METODOLOGIA .....	33
4 ANÁLISE DE DADOS.....	34
5 CONCLUSÃO .....	50
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	52
ANEXOS .....	54

## RESUMO

SOUTO, Glásia Freire Corrêa. **O uso de conectores argumentativos em produções de alunos do Curso Normal Superior.** 2006. 97 p. (Dissertação – Mestrado em Letras). Universidade Vale do Rio Verde de Três Corações – MG\*.

Constitui o objetivo desse trabalho discutir as possíveis causas que dificultam (e comprometem) um processo de leitura e produção de um texto, notadamente a produção de um texto com cunho argumentativo e, sobretudo, investigar a dificuldade ou a limitação das alunas desse universo escolar quanto ao uso de certos recursos coesivos, operadores argumentativos, em suas produções acadêmicas. No intuito de se garantir a isenção científica, decidiu-se por adotar como sujeitos de pesquisas alunas do Curso Normal Superior da UNIPAC - Universidade Presidente Antonio Carlos da cidade de Campo Belo - MG e analisar suas produções em disciplina ministrada por outro docente. Nesse trabalho de cunho qualitativo, serão analisados 26 textos produzidos em uma das disciplinas "Alfabetização e Letramento", no final do 5º período de um curso de seis períodos (3 anos) de duração. As produções de textos em questão foram obtidas na atividade final da disciplina que tinha valor de 30 pontos. O presente estudo parece permitir concluir que ao final da Faculdade, Curso Normal Superior, as alunas continuam escrevendo como faziam suas redações escolares de nível fundamental ou médio. Ao investigarmos o uso dos conectivos em função de operadores argumentativos, percebemos através dos dados que o problema não se resume ao uso adequado ou inadequado dos conectores, mas que isso é parte de um problema ainda maior e mais grave: a questão da produção do texto escrito, mais especificamente no contexto, a produção de um texto dissertativo-argumentativo. Nesse sentido, nossa pesquisa busca oferecer uma reflexão para novos estudos, no intuito de contribuir para a formação daqueles que irão alfabetizar as crianças na escola; uma tarefa que se impõe a todos aqueles que pensam a educação como um todo. Isso significa qualificar e garantir a qualidade dos cursos superiores no Brasil, sobretudo àqueles voltados à formação de professores.

Palavras-chave: Argumentação, Conectivos, Ensino Superior, Produção de Texto.

---

\* Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Almeida – UNINCOR.

## ABSTRACT

SOUTO, Glásia Freire Corrêa. **The use of argumentativos connectors in productions of pupils of the Superior Normal Course.** 2006. 97 p. (Dissertation – Master's Degree in Letters). Universidade Vale do Rio Verde de Três Corações – MG\*.

The objective of this work is to discuss the possible causes that make difficult (and compromise) the reading and production process in a text, giving attention on text production with argument purpose, above all, to investigate the pupils difficulty or the limitation on a school universe, and how to use certain cohesive resources, argument operators, in academic productions. To certify the intention of scientific exemption, it was decided for adopting pupils from Normal Course Superior of UNIPAC – Universidade Presidente Antonio Carlos da cidade de Campo Belo – MG, and to analyze the productions in disciplines given for another professor. This work with qualitative purpose, will be 26 texts produced in "Teach and Literature" discipline in the end of 5th period in a course of six periods (3 years) of duration. The texts productions in question, had been gotten on the final activity that it had value of 30 points in the discipline. The present study means to conclude that in the end of the College, Normal Course Superior, the pupils continued writing as they used to write research on a basic or average level school. Investigating the use of the functions connectives in arguing operators, we noted through the researchs that the problem is not summarized to the adequate or inadequate connectors use, but the bigger and serious problem is: the question of production on the written functions text, more specifically in the context, the production of a argument-dissertation text. On this way, our research offers a reflection for new studies, in intention to contribute for their development to teach the children in the school; a task that imposes to all those that think the education as a whole. This, means to characterize and to guarantee the quality of the superior courses in Brazil, over all to those directed to the professors formation.

Key Words: Argument, Connectives, Superior Education, Text Production.

---

\* Advisor: Prof. Dr. Paulo Roberto Almeida – UNINCOR.

## 1 INTRODUÇÃO

A produção de textos acadêmicos tem despertado o interesse de diversos pesquisadores no país e tem-se visto nos últimos anos uma série de trabalhos que descrevem como os graduandos produzem textos na universidade.

Na condição de docente do curso Normal Superior desde 2003, lecionando diversas disciplinas como Literatura Infantil, Literatura Infanto-Juvenil e Língua Portuguesa voltada para a compreensão da leitura e da escrita, observamos naquela época uma certa dificuldade dos alunos do curso na produção de textos, o que motivou esta pesquisa.

A experiência acadêmica como professora do curso permitiu observar, empiricamente, em textos produzidos por alunas de um Curso Universitário, que elas possuíam pouca prática de leitura, sobretudo de textos acadêmicos, apesar de já estarem no 5º período. Tal hipótese é sustentada pela observação da estrutura de texto argumentativo por elas apresentadas. O texto argumentativo é entendido aqui como aquele que apresenta um tema, discussões ou juízos sobre o tema e uma arquitetura que converge os argumentos a uma conclusão (posicionamento do enunciador). Quando era solicitado pela professora esse tipo de texto, nas tarefas acadêmicas, o que se obtinha como resultado eram trabalhos em que as alunas pareciam “perdidas”, demonstrando pouca familiaridade com sua estrutura. Sendo assim, seus trabalhos se assemelham à tradicional “redação” escolar de ensino fundamental.

Nessa perspectiva, constitui o objetivo desse trabalho discutir as possíveis causas que dificultam (e comprometem) um processo de leitura e produção de textos, notadamente a produção de um texto com cunho argumentativo e, sobretudo, investigar a dificuldade ou a limitação das alunas desse universo escolar quanto ao uso de certos recursos coesivos, operadores argumentativos, em suas produções acadêmicas, o que pode, ou não, comprometer o resultado da tarefa proposta, que consistia na produção de um texto argumentativo como parte das avaliações do semestre letivo.

Ao contrário de uma pesquisa calcada da gramática tradicional, o presente trabalho busca investigar o modo de construção do texto argumentativo por alunas do Curso Normal Superior em atividade acadêmica de uma disciplina. Com esta pesquisa pretendemos descrever os recursos lingüísticos de que tais alunas lançam mão no cumprimento de uma tarefa acadêmica. Por recursos lingüísticos, entenda-se o uso de operadores argumentativos, de acordo com Koch (2004a, 2004b, 2004c).

Apoiando-nos em algumas pesquisas da lingüística textual, discutimos nesta dissertação a noção de argumentação, e a idéia de texto argumentativo Koch (2004), Citelli

(2004), Ramos (1997), Goulart (2003), procurando delimitar a natureza do texto sugerido na proposta de atividades pela professora da disciplina em questão.

Discutimos o conceito de coesão textual, bem como os mecanismos que garantem tal coesão, segundo Koch (2004a, 2004b, 2004c), Fávero (2004), Val (1991), apresentando alguns estudos sobre a leitura e produção de textos, na perspectiva de Geraldi (1993) Ramos (2002), Leal (1992, 1999), buscando sua relação com o uso dos conectivos analisados. Sem deixar de lado as orientações oficiais e as pesquisas produzidas por órgão internacional, este trabalho considera ainda algumas orientações dos PCNs e dados do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes - PISA (2003), Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica - SAEB (2001).

Tais sistemas de avaliação têm apontado, nos últimos anos, o fraco desempenho dos estudantes em leitura. Cerca de 56% de jovens e adolescentes não conseguiram interpretar textos e tiveram dificuldades em questões de raciocínio lógico. Segundo tais pesquisas, o fraco desempenho se deve, sobretudo, à quase ausência de leitura dos estudantes.

Nossa análise apóia-se no construto teórico referenciado acima, que nos permite observar o uso dos conectores argumentativos pelos sujeitos de pesquisa, no contexto de uma avaliação de semestre.

Assim este trabalho visa contribuir para uma compreensão sobre os modos de produção textual, além de um entendimento mais apurado sobre as estratégias utilizadas pelos produtores de texto numa dada situação, considerando o conhecimento que têm do assunto proposto e a experiência de leitor/produtor.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 Leitura e Produção de Textos

#### 2.1.1 A leitura

No que tange à leitura, nossa pesquisa a considera como produção de sentidos e não o reconhecimento de significados pré-existentes. No dizer de Geraldi (1993, p. 166), a leitura é um “processo dialógico cuja trama toma as pontas dos fios do bordado tecido para tecer sempre o mesmo e outro bordado, pois as mãos que agora tecem trazem e traçam outra história”.

Desde o início da década de 80, o ensino da Língua Portuguesa na escola tem sido o centro da discussão acerca da necessidade de melhorar a qualidade da educação no País. No Ensino Fundamental, o eixo da discussão, no que se refere ao fracasso escolar, tem sido a questão da leitura e da escrita. Sabe-se que os índices brasileiros de repetência nas séries iniciais – inaceitáveis mesmo em países muito mais pobres – estão diretamente ligados à dificuldade que a escola tem de ensinar a ler e a escrever. Essa dificuldade se expressa com clareza nos dois gargalos em que se concentra a maior parte da repetência: no fim da primeira série (ou mesmo das duas primeiras) – em Minas Gerais, ao final do primeiro ciclo de estudos; e na quinta série. No primeiro grupo, por dificuldades da alfabetização, no segundo, por não conseguir garantir o uso eficaz da linguagem escrita, condição para que os alunos possam continuar a progredir até, pelo menos, o fim da oitava série. Desde que a criança ingressa na escola e começa a aprender a ler e a escrever, inicia-se uma torturante peregrinação pelos calvários da gramática. Elas são obrigadas desde cedo a decorar a classificação de substantivos, o grau de adjetivos, as regras de acentuação gráfica, pontuação etc... (veja-se o livro didático!) e as professoras “cobram” tudo de uma só vez. Ao ingressar na quinta série, a criança não sabe gramática porque não sabe escrever e não sabe escrever porque as professoras das séries iniciais não ensinaram gramática. Assim, perpetua-se o lamentável fracasso escolar, mais pelo esvaziamento do conteúdo realmente importante – o ensino da escrita – e menos por que se ensinam tópicos gramaticais.

Essas evidências de fracasso escolar apontam para a necessidade da reestruturação do ensino da Língua Portuguesa, com o objetivo de encontrar formas de garantir, de fato, a aprendizagem da leitura e da escrita nas séries do Ensino Fundamental.

Atualmente, de acordo com o Programa Internacional de Avaliação de Estudantes – (PISA) que avalia a leitura e escrita, mais da metade dos estudantes brasileiros de 15 anos não compreende o que lê, conforme comprova artigo publicado pelo Correio Brasiliense, de 01/07/2003, intitulado “Nota Baixa para Educação”. Isso, em dados estatísticos, representa 56% dos jovens brasileiros, conclusão divulgada pela UNESCO. No entanto, ainda hoje, para muitos, o texto é entendido como fonte ou pretexto para exploração das formas gramaticais isoladas do contexto ou como material, indiferenciado, a ser trabalhado de forma homogênea nas pretensas atividades da leitura.

O Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB) tem divulgado que 56% dos jovens adolescentes da faixa etária de 11 a 15 anos não entendem o que lêem, não conseguem produzir textos simples e nem resolver cálculos matemáticos por não entenderem o enunciado do problema e o pouco estímulo pedagógico com que a escola trabalha a produção do texto (JORNAL O ESTADO DE MINAS).

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) a leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes, que interajam com a leitura para a formação de escritores. A formação de escritores aqui citados não são profissionais e sim pessoas capazes de escrever com eficácia. A leitura fornece a matéria-prima para a escrita, desenvolvendo o ato da escrita. Isto significa que quanto mais temos contato com livros, jornais, revistas mais capacidade temos de desenvolver textos coesos e precisos.

Formar um leitor competente supõe formar alguém que compreenda o que lê e seja capaz de relacionar com outros textos fazendo comparações e entendimentos sobre os assuntos. Isso só será possível se a escola compreender que o tempo da sala de aula deve ser o da produção textual e da leitura. Essas atividades devem ser o centro da ação pedagógica e o núcleo dos planejamentos de ensino.

Um leitor competente é aquele que tem por hábito a leitura no seu dia a dia, a partir de um trabalho que deve se organizar em torno da diversidade de textos que circulam socialmente.

Se o objetivo é formar cidadãos capazes de compreender os diferentes textos com os quais se defrontam, ao educador é preciso organizar o trabalho educativo na escola. Ao educador que conhece os alunos e percebe que eles não têm condições de ter contato com livros, jornais, revistas, devido ao meio social onde vivem, cabe oferecer-lhes no espaço e tempo da sala de aula materiais de qualidade, modelos de leitores proficientes e práticas de leitura eficazes. Esse deve ser o papel incondicional da escola. Talvez seja a única oportunidade desses alunos interagirem com textos. É preciso oferecer-lhes os textos do

mundo e não ficar preso aos livros didáticos pedindo que leiam apenas durante as atividades escolares. Eis a primeira e talvez a mais importante estratégia didática para a prática de leitura e diversidade de textos. É importante que os professores entendam que livros didáticos podem até ajudar a ensinar a ler, mas certamente não se formará leitor competente só com isso.

Os materiais feitos exclusivamente para ensinar a ler não são bons para aprender a ler: têm servido apenas para ensinar a decodificar, contribuindo para que o aluno construa uma visão empobrecida da leitura, por isso a diversidade de textos oferecidos aos alunos é de suma importância para seu desenvolvimento de raciocínio e interpretação. Talvez o que se vê dentro da universidade seja reflexo de uma escola tradicionalmente constituída e de concepções equivocadas sobre como se aprende a ler, escrever, tornar-se leitor e escritor competentes e sobre gramática.

Formar leitores é algo que requer, portanto, condições favoráveis para a prática de leitura. Dentre elas inclui-se oferecer ao aluno uma boa biblioteca escolar para que ele tenha opções de escolha, dispor nos ciclos iniciais, de um acervo de classe com livros de imagens e histórias em seqüências por meio dos quais ele possa desenvolver sua imaginação criando ou recontando sua própria história organizar momentos de leituras livres em que o professor também leia, para que os alunos percebam que o professor tem o hábito e a sedução pelos livros; planejar as atividades de leitura visando à continuidade do processo aprendizagem, deixar que a criança escolha sua própria leitura, não deixar que os alunos sejam importunados durante os momentos de leituras para que haja um poder maior de concentração e aprendizado, possibilitar que os alunos levem livros para casa e questionem com seus familiares, garantindo a interação e incentivo dos pais. Construir assim na escola, uma política de formação de leitores por meio de uma prática constante de leitura.

Além das condições, são necessárias propostas didáticas orientadas pelos educadores. O trabalho de leitura deve ser diário, bem planejado e ter uma continuidade. O aluno quando lê e produz um texto espera do professor uma dialogia e não um trabalho que se feche e acabe sem comentários como se fosse uma coisa sem importância. É necessário também refletir com os alunos sobre as diferentes modalidades de leitura e os procedimentos que elas requerem como leitor. Nesse ponto é que nossa pesquisa encontra respaldo: nossos alunos universitários parecem não conhecer ou não dominar tais procedimentos necessários à leitura e à produção de textos.

Formar escritores competentes, capazes de produzir textos coerentes, coesos e eficazes supõe, portanto, uma prática continuada de produção de textos na sala de aula, situações de produção de uma grande variedade de textos, uma aproximação das condições de produção, às

circunstâncias nas quais se produzem esses textos e a diversidade de textos lidos para melhor conhecimento e visão de mundo.

### 2.1.2 A produção de textos

Segundo os PCNS o trabalho com produção de textos tem como finalidade formar escritores competentes capazes de produzir textos coerentes, coesos e eficazes, o que ainda não se verifica no Ensino Superior.

Um escritor competente é alguém que planeja o discurso, que sabe elaborar um resumo ou tomar notas durante uma exposição oral, que sabe esquematizar suas anotações para estudar um assunto e sabe expressar por escrito seus sentimentos, experiências ou opiniões. Este tipo de escritor é capaz de revisar e reescrever o texto, até ficar bom.

O educador não deve ensinar a escrever por meio de práticas centradas apenas na codificação de sons em letras. É preciso que ele ofereça aos alunos inúmeras oportunidades de aprenderem a escrever em condições semelhantes às que caracterizam a escrita fora da escola. Talvez por terem passado por uma escola que não privilegia essa perspectiva, nossas alunas apresentam as características de escrita que apresentaremos no capítulo da Análise de Dados.

Sabe-se que a criança deve “aprender a escrever, escrevendo”.

Para aprender a escrever, é necessário ter acesso à diversidade de textos escritos, arriscar-se a fazer como consegue e receber ajuda de quem já sabe escrever.

É preciso que tão logo o aluno chegue à escola, seja solicitado a produzir seus próprios textos, mesmo que não saiba grafá-los, podendo fazer que o aluno produza o texto oralmente através de recontos, figuras de imagens dentre outras formas, mesmo que não esteja “certo”, como prescreve a gramática tradicional.

Para se formar escritores competentes é preciso oferecer-lhe textos escritos impressos de boa qualidade, por meio de leitura solicitar aos alunos que produzam textos.

Os estudos acadêmicos e científicos sobre produção textual na escola, realizados ao longo da última década, discorrem na base dicotômica de posturas tradicionais de um lado, e formas inovadoras, ou alternativas, por outro. Uma concepção tradicional, que manda escrever, contrapõe-se a uma outra, que objetiva entender os processos de escritas, de como funciona um texto escrito, para poder ensinar. Educadores que se sentem responsáveis por formar produtores competentes de textos, capazes de interagir, pela escrita, em diferentes instâncias interlocutivas adotam uma postura baseada nessa última concepção.

Tradicionalmente, a produção de textos escolares foi chamada de redação, estabelecendo, na verdade, uma redução da tarefa, do seu processo de criação ao seu produto, ou resultado final. Essa redução não dá conta das muitas especificidades do trabalho de produção textual, que envolve variados tipos de textos e uma quase infinidade de gêneros.

Assim, o trabalho escolar, desde as primeiras séries, fica limitado ao ensino de técnicas de redação e, de acordo com Ramos (2002, p. 14) não se apropria das relações de interlocução entre sujeitos.

De acordo com a autora, existe uma “força de um interlocutor autoritário”. É uma espécie de interlocutor “virtual”, para o qual o aluno aprende que “deve” escrever. Sabe que, na escola, o professor não tem outro interesse, na maioria das vezes, se não o de detectar e corrigir os erros de redação, principalmente da ótica gramatical.

A imagem criada pelo estudante resulta do caráter repressivo e valorativo da escola. Ante tal interlocutor, o estudante sente-se impelido a mostrar que ‘sabe’ e a negar sua capacidade lingüística (...). A consequência disso (...) é uma aplicação de modelos preestabelecidos pelos valores sociais privilegiados. (RAMOS, 2002, p. 14-15).

Nesses casos, o professor não é um interlocutor com o qual o aluno se relaciona e para quem diz algo. O aluno vê no professor a figura daquele que *apenas* corrige o seu texto.

Essa situação, bem caracterizadora das salas de aula do ensino fundamental e médio, não constitui exclusividade desses níveis de ensino. Na universidade, o que se vê é a manutenção desse *status quo*. Os graduandos, de modo geral, apresentam dificuldades na produção de textos escritos, compondo peças que apresentam problemas de todo o tipo: concordância, pontuação, acentuação e ortografia, coesão e coerência e os famosos casos de regência, sem contar a impropriedade lexical (RAMOS, 2002). Essas características podem ser verificadas nos textos componentes do *corpus* desta pesquisa.

Concordando com (RAMOS, 2002), estudos como o que foi realizado por Leal (1992, 1999) “apontam que o que se ensina na escola, desde as primeiras aprendizagens, longe de se construir em espaço dialógico para produção de sentidos, transforma o texto escrito em um objeto fechado em si mesmo”. Isto aponta indícios de que a forma como se vem trabalhando a produção de texto nas escolas pode estar inadequada, fazendo com que os alunos sintam ainda mais dificuldade em produzir textos e interajam com a escrita.

Os alunos, inclusive os universitários, quando produzem seus textos esperam uma resposta, uma dialogia, pois não a tendo, esse texto torna-se apenas um texto escrito, ou melhor, uma mera redação escolar. Assim, se logo nas primeiras aprendizagens o que o aluno

obtem como resposta à sua produção se transforma em silêncio (atividades que se fecham na própria produção textual e são arquivadas em um caderno ou pasta escolar), ou o que o aprendiz recebe é um visto que não significa lido e sim “vistoria”, ver se fez ou, ainda, uma nota ou um conceito, pode-se deduzir que esse sujeito encontra-se destituído das reais possibilidades de interação. O aluno, ao produzir um texto, espera que o professor entenda o que realmente tentou passar, um momento de trocas significativas, um momento em que a aprendizagem, de fato, acontece.

Para compreender um texto é necessário que o aprendiz tenha um mínimo de conhecimento organizado sobre o assunto proposto, pois se o aluno não tem esse conhecimento ele poderá ser avaliado de forma inadequada: muitas vezes o aluno não consegue um rendimento nas produções por falta de interação com o tema pedido pelo professor. Para compreender um texto, é necessário entender também que o texto escrito, muitas vezes é marcado pela condição histórica e social do produtor, é compreender o produtor para compreender o seu texto produzido. Ou como afirma Geraldi (1996, p. 28):

Pode-se dizer que o trabalho lingüístico é tipicamente um trabalho constitutivo: tanto da própria linguagem e das línguas particulares quanto dos sujeitos, cujas consciências signicas se formam como conjunto das noções que, por circularem nos discursos produzidos nas interações de que os sujeitos participam, são por eles internalizados.

O texto produzido pelo aluno é sempre resultado do que ele sabe, aprendeu e de um conjunto de relações e conhecimentos. Os conhecimentos lingüísticos que o aluno possui influenciam fortemente os textos produzidos, por isso a necessidade de que aquele que ensina a escrever e que, portanto, é o leitor dos textos produzidos pelos aprendizes possa fazê-lo com os olhos de compreensão, isto é, saiba reconhecer textos como instâncias discursivas individualizadas, saiba detectar as marcas desses determinantes para poder realizar a atitude responsiva ativa conforme Bakhtin (1997).

É preciso instaurar uma consciência dialógica que só será possível, quando aquele que ensina esforce-se para constituir-se também como interagente. A produção de texto tem o sentido de garantir a escrita como um bem cultural, no processo de ampliação e compreensão do mundo, é através do diálogo e compreensão que a aprendizagem torna-se cada vez melhor.

O que precisamos deixar claro, é que o “querer dizer” do aluno não pode ser suplantado pelos “quereres” escolares que, na maioria das vezes, afastam o aprendiz de sua condição de um sujeito que produz textos.

O professor, diagnosticando os saberes e conhecimentos lingüísticos revelados no texto, passa a transformá-los em subsídios para o seu planejamento, isto é, para o que, de fato, precisa ensinar. Assim, as atividades mecânicas ou de elaboração duvidosa precisam ser substituídas por outras que desvelem e ao mesmo tempo, permitam a incorporação e assimilação de como funciona um texto escrito.

É preciso instaurar uma consciência dialógica que só será possível, quando aquele que ensina se esforçar por entender o aprendiz como sujeito da interação.

Não é nosso interesse, nesta pesquisa, detectar erros de redação para classificar os alunos segundo critérios tradicionalmente utilizados pela escola.

Nessa perspectiva, do nosso ponto de vista, interessa-nos verificar o empenho do aluno, quanto à utilização de alguns recursos lingüísticos no cumprimento de uma tarefa acadêmica (escolar) específica. Ao cumprir a proposta do professor, parece que o aluno reúne todo o conhecimento que tem sobre escrita e o coloca em função de um texto que produz não para ser lido, mas para ser corrigido. Como sabe que a nota depende do que o professor vai interpretar como um bom texto, uma produção bem construída, esforça-se o aluno nessa tarefa que sabe, é meramente escolar. No seu trabalho, o universitário expõe seus conhecimentos lingüísticos e procura “agradar” ao professor. Assim, pode até cometer certos erros gramaticais ou algumas impropriedades textuais, visto que se perde do foco a relação interativa e concentra-se na atividade mera e exclusivamente escolar: produzir um texto para nota.

É preciso entender que, na escola e, por extensão, na universidade, o texto produzido pelo aluno, no cumprimento de uma tarefa solicitada pelo professor, raramente cumpre um papel interlocutivo, isto é, não se escreve para que o outro leia e interaja com o produtor do texto. A função que se dá à produção é a de poder demonstrar aquilo que se sabe para alguém que deseja sabê-lo, ou para alguém que deseja medir o quanto o outro sabe.

Neste sentido, a orientação teórica deste trabalho converge a Geraldi (1993, p. 135), ao considerar “a produção de textos (orais e escritos) como ponto de partida (e de chegada) de todo processo de ensino/aprendizagem”. Em última instância também se encontra nas orientações do SAEB (2001): o texto como ponto central de toda atividade escolar. Conforme Geraldi (1993, p. 135), na produção dos discursos, o sujeito articula, em tempo e espaço, um ponto de vista sobre o mundo. Assim, para se produzir um texto que faça sentido esse sujeito precisa reunir cinco condições, sem as quais, não será capaz de interagir e se fazer entender. Trata-se de: a) ter o que dizer; b) ter um motivo para dizer o que se diz; c) ter para quem

dizer; d) o produtor se constitua como *locutor*, como *autor* mesmo do próprio texto; e) se escolham as estratégias para realizar a tarefa.

Na seção seguinte, discutiremos a concepção de texto na perspectiva da Lingüística Textual.

## 2.2 A Lingüística Textual e a Concepção de Texto

Do ponto de vista da Lingüística textual, o texto é uma unidade sócio-comunicativa e cumpre papéis de enunciação e interação. Diferentemente da visão escolar tradicional e mesmo gramaticista, o texto não é um conflito de frases ou uma estrutura morfossintática apenas. É, portanto, algo que se molda pelo uso nas interações sociais. São relações que determinam as características que um texto deve ter.

Para M. H. K. Haliday e R. Hasan (apud MARCUSCHI, 1997, p. 9) “Um texto é uma unidade em uso. Não é uma unidade gramatical, tal como uma frase ou uma sentença; e não é definido por sua extensão. [...] Um texto é, melhor dizendo, uma unidade semântica: não uma unidade de forma e sim de sentido”.

E de acordo com Marcuschi (1997, p.10):

O texto não é uma unidade virtual e sim concreta e atual; não é uma simples seqüência coerente de sentenças e sim uma ocorrência comunicativa. Portanto: (a) Embora desejável e aconselhável do ponto de vista do procedimento de elaboração de teorias científicas, parece impossível uma teoria abstrata e geral que permita a geração ou explicação de todos os textos possíveis de uma língua; e (b) não é possível aplicar ao texto as mesmas categorias gramaticais que possuímos para o estudo da frase.

O texto pode ser percebido ainda por diversos ângulos, assim como qualquer objeto de estudo de acordo com a visão do autor e sua base teórica.

A Lingüística Textual, responsável pelo estudo do texto, demonstra, de forma clara, as diferentes percepções do texto, ao longo dos anos.

O importante a se considerar é que o texto não tem apenas a idéia de conjunto de frases corretamente elaboradas, mas, muito mais que isso, envolve a arte de comunicar. E, como tal, exige do autor o planejamento, organização de idéias, de modo que seja transmitido exatamente o que se pretende.

Por se tratar de comunicação, o texto está diretamente relacionado com a interação social, ou seja, é também através dele que se expressam os pensamentos e se é capaz de perceber os dos outros. Portanto, o texto se torna o resultado do desejo de expressão do

pensamento, da comunicação de idéias, de sentimentos, de vontades, proporcionando ao autor a capacidade de interagir-se com o meio social em que está inserido.

Na visão de Koch (1992):

Poder-se-ia conceituar o texto como uma manifestação verbal constituída de elementos lingüísticos intencionalmente selecionados e ordenada em seqüência, durante a atividade verbal, de modo a permitir aos parceiros, na interação, não apenas a apreensão de conteúdos semânticos, em decorrência da ativação de processos e estratégias de ordem cognitiva, como também a interação (ou atuação) de acordo com práticas socioculturais.

Schmidt (1978, p. 170) parece concordar com essa idéia de texto, quando afirma que: “[...] qualquer expressão de um conjunto lingüístico numa atividade de comunicação – no âmbito de um jogo de atuação comunicativa – tematicamente orientado e preenchendo uma função comunicativa reconhecível, ou seja, realizando um potencial ilocucionário reconhecível”.

Na construção do texto, há três grandes sistemas de conhecimento: o lingüístico, o enciclopédico e o interacional. (HEINEMANN; VIEHWEGGER, 1991, p. 21).

O conhecimento lingüístico refere-se às questões de gramática e forma organizada em que as palavras devem compor um texto, mantendo sempre a coesão de sentidos.

Já o conhecimento enciclopédico diz respeito ao conhecimento mental individual, ou seja, o conjunto de informações que cada indivíduo possui em seu cérebro que lhe permitem expressar-se e, ao mesmo tempo, compreender o que ouve ou lê. No caso das graduandas, diante da solicitação da professora para a tarefa acadêmica, tem-se como resultado trabalhos em que as alunas pareciam “perdidas”, demonstrando pouca familiaridade com sua estrutura e informações, conforme se poderá verificar na Análise de Dados. Assim, a construção do texto dependerá do nível de interatividade entre os indivíduos que, dependendo do grau de intensidade, permite a omissão de certas referências, sem perder o sentido para ambos.

O outro sistema de conhecimento, o interacional, aborda o aspecto ativo ou verbal. Isto quer dizer que este tipo de conhecimento proporciona ao autor condições de provocar a ação através da linguagem. Pode ser dividido em quatro tipos: a) Ilocucional – refere-se aos objetivos que o autor pretende atingir ao transmitir suas idéias, numa ação de interatividade, seja de modo verbalizado diretamente ou por vias indiretas, b) Comunicacional – tem relação com a escolha da melhor forma lingüística, de acordo com cada situação de interação, produzindo, assim, uma comunicação efetiva entre os indivíduos, c) Metacomunicativo – é o tipo de conhecimento que o autor possui que lhe permite evitar ou corrigir incompreensões

em relação ao seu texto. Para isto, ele se utiliza certos recursos lingüísticos, como repetições, resumos, correções, explicações, etc, garantindo a compreensão e a aceitação de seus objetivos, d) Superestrutural – este tipo de conhecimento diz respeito ao reconhecimento e classificação dos diversos tipos de textos.

É importante salientar que, na construção do texto, há dois tipos de informação que orientam a construção do sentido: a informação dada e a informação nova.

Pode-se compreender a informação dada como aquela que reside na consciência dos interlocutores, que serve como ponto de apoio para o recebimento de novas informações. O retorno às informações dadas no texto, por meio do resgate ou referências, cria um elo de informações, de modo coesivo, dando sentido ao texto produzido. Este tipo de resgate se faz, não só aos conteúdos expressos no texto, mas também aos contidos na memória dos interlocutores que, através de associações e referências, permite a comunicação efetiva do sentido.

A informação nova, alicerçada na informação já dada, permite a evolução textual, ou seja, que se comunique em novos níveis de interação.

A relação de sentido entre os segmentos textuais, estabelecidas entre a informação dada e a informação nova, estão em vários níveis: 1- no interior do enunciado - através da progressão temática, com a utilização da articulação tema-rema, onde tema refere-se à informação dada e rema à informação nova inserida; 2- entre orações de um mesmo período ou entre períodos no interior de um parágrafo – chamado de encadeamento, onde se procura utilizar determinados elos de conexão que estabelecem relações entre eles. 3- entre parágrafos, seqüências ou partes inteiras do texto – através de recursos que articulam e ligam os textos, ou também por justaposição.

Portanto, para a construção de um texto, se faz necessário que haja interação no ato comunicativo, Por isso, formar bons escritores depende não só de uma prática continuada de produção de textos, mas de uma prática constante de leitura.

Tomando por base os textos produzidos pelas alunas do curso Normal Superior, objeto de análise deste trabalho, construídos a partir de uma proposta muito vaga de posicionamento do aluno diante de uma situação de avaliação final da disciplina (posicionar-se para defender uma entre as “várias teorias e tendências que explicaram o fenômeno da alfabetização e do letramento”), depreendemos aqui que ao manifestar sua “escolha”, o aluno “argumentasse” em favor de sua escolha, isto é, construísse um texto argumentativo, sob o pressuposto de domínio da configuração de um texto argumentativo. Por isso, com base nesses pressupostos

acima delineados, para encaminhamento de nossa análise, acreditamos ser fundamental discutir a concepção de texto argumentativo.

### 2.3 Texto Argumentativo

A linguagem não pode ser vista simplesmente como instrumento de comunicação, que se presta à nomeação de objetos e seres, constitui-se em elemento de produção de sentidos: ela representa e é capaz de criar realidades, dirigindo as relações sociais. Pode instaurar uma realidade imaginária, antecipar o que ainda não existe, dar nova vida ao passado.

Num dos mais antigos estudos sobre a linguagem, de Aristóteles, *A arte retórica* encontra-se a divisão das variadas modalidades discursivas: textos poéticos (narrativos), científicos (argumentativos), enumerativos (descritivos).

A palavra texto, segundo Fávero e Koch (2000), refere-se à uma passagem, escrita ou oral que tem sentido completo em si mesma, indiferente ao seu tamanho. Costa Val (1991), conceitua texto destacando sua atribuição sociocomunicativa. Ainda acrescenta que um texto pode ser avaliado sob três aspectos: o pragmático, que expressa a capacidade de informar, comunicar; o semântico-conceitual, relativo à sua coerência; e o formal, relacionado à sua coesão.

Coerência, segundo Silva (2000), é responsável pela manutenção da lógica na estruturação de um texto. É ela que confere sentido a um texto.

Coesão, ainda segundo Silva (2000), é responsável pela interação entre as palavras e frases que compõem um determinado texto, unindo os sentidos isolados, criando uma estrutura seqüencial sólida e completa.

A capacidade de interpretação é ponto fundamental no desenvolvimento de um texto. Para Raths (1977), interpretar é racionalizar as experiências, através da descrição e explicação do significado das coisas que chegaram à nossa percepção. É dar sentido, compreender e preencher as lacunas textuais e, até mesmo, ampliar o conteúdo de um texto, respeitando os seus limites.

De acordo com Lipman (1995), através da interpretação é possível que tanto leitores como ouvintes, expressem com suas próprias palavras aquilo que leram ou ouviram, resguardando o sentido original do texto.

Contudo é bom lembrar que os textos não se apresentam sob a pureza de uma modalidade, pois o que existe é a predominância de um tipo em um mesmo texto. Será dissertativo o texto

em que predominar a argumentação, a exposição de idéias, pontos de vista, mas isso não significa que nele não haja passagens narrativas e dissertativas. De um modo geral os textos apresentam uma característica chamada narratividade. (COSTA VAL, 1991).

Narratividade é a mudança de estados, de situações que é realizada pelo fazer transformador de um sujeito, que age no mundo e sobre o mundo em busca de certos valores investidos nos objetos. O destinador estabelece um contrato com o destinatário, a fim de atingir determinado objetivo (professora e alunas do curso Normal Superior).

Dessa forma, o texto argumentativo, objeto deste estudo, deve ser compreendido como aquele que oportuniza o enunciador a comunicar e a defender seu ponto de vista em relação a determinado tema (no nosso caso, as alunas têm um objetivo ao redigir para a professora: produzir um texto “argumentativo” defendendo sua escolha). Para cumprir tal propósito terá de lançar usos de certos recursos próprios para esse fim.

Diante disso, pergunta-se: o que pode ser entendido por texto argumentativo?

Para Campos (apud CARVALHO, 1999), o texto argumentativo é definido como aquele que contém informações e julgamentos sobre fenômenos da realidade. Portanto supõe-se que o aluno, ao produzir um texto dessa natureza, informe algo sobre determinado assunto e faça um juízo do fenômeno em questão.

A idéia que Carneiro (1993) apresenta quando se refere à argumentação é que ela é um processo que revela dois aspectos. O primeiro se refere à razão, com a ordenação de idéias, onde se procura justificá-las e relacioná-las e o segundo, se refere à paixão, com a busca, sedução e persuasão do ouvinte.

Para Silva (2000), persuadir pode ser entendido como o modo de se influenciar uma pessoa, com o objetivo de alterar posições de idéias, prevalecendo-se através do uso da razão, emoções e/ou imaginação.

Na opinião de Garcia (1986), a argumentação visa criar no leitor ou ouvinte uma opinião e convencê-lo de que o que está sendo argumentado é a verdade. É através de apresentação de provas convincentes, numa estrutura de raciocínio lógico, que se pode convencer o ouvinte, sendo assim, bem sucedido na argumentação.

O texto argumentativo pode ser prejudicado por preconceitos e superstições. Portanto, como afirma Garcia (1986), a argumentação deve se basear nos elementos da consistência do pensamento e da evidência dos fatos.

### 2.3.1 Expedientes da Argumentação

Como se estrutura um texto argumentativo? Esse tipo de dúvida é muito comum entre alunos dos mais diversos níveis de escolaridade, sobretudo na universidade. Em todas as manifestações há idéias, pontos de vista, debates, discussões.

Argumentação é um procedimento que se utiliza para tornar uma tese aceitável.

Elaborada a tese a ser defendida, é preciso reunir argumentos, provas que ajudem a demonstrar para o destinatário a validade das idéias, das afirmações apresentadas. Quando se demonstra uma tese, algumas hipóteses podem ser paulatinamente rejeitadas, outras, validadas. A defesa de uma tese obviamente exige alguma pesquisa ou conhecimento

A marca do texto argumentativo, portanto, é a de convencer ou persuadir por meio de um conjunto de recursos oferecidos pela língua. O texto argumentativo defende um ponto de vista, que é formado por experiências acumuladas, educação familiar, amizades, leituras, informações obtidas. O ponto de vista serve para manter a unidade do texto.

Contudo, não há um ponto de vista que seja essencialmente original e individual livre das circunstâncias econômicas, sociais e culturais que o envolvem. As opiniões são resultado de concepções de todo um grupo, do meio em que se vive. Para Citelli (1994, p. 18), "mesmo quando emitimos opiniões, o fazemos no geral, orientados por concepções que tendem a ser cifradas nos discursos com os quais convivemos". A originalidade discursiva tende a zero, enquanto sua característica fundamental é a paráfrase, a repetição.

Os atos de linguagem apóiam-se em um conjunto de valores e experiências sociais, produto do ambiente cultural, da situação econômica em que se vive. Há, portanto, correspondência entre o que se fala e o interesse da classe social a que se pertence.

Koch (2004, p. 17) define o ato de argumentar como "orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões". Para ela, todo discurso pode ser argumentativo uma vez que vem carregado de uma ideologia. Neste ponto, afirma não haver a mitológica neutralidade desse tipo de texto. Assim, de modo muito consistente, a autora defende a idéia de que, em maior ou menor grau, a argumentação está presente em qualquer dos tipos clássicos de texto: narração, descrição e dissertação.

ma pessoa forma seu ponto de vista com base no cruzamento de várias formações discursivas; o discurso individual é marcado por outros discursos, de leituras, convivência, informações de que a pessoa toma conhecimento, enfim a trajetória cultural do indivíduo. E por isso, observa-se nesta pesquisa que as alunas acham que cumprem seu papel, mesmo quando

os aspectos formais parecem não contribuir para essa unidade textual. Por isso, no estudo de textos argumentativos convém conhecer os elementos formadores do ponto de vista.

### 2.3.2 Procedimentos de Argumentação

Dentre os conceitos usados no estudo da argumentação, pode-se destacar; (a) a demonstração utiliza a dedução lógica e provas analíticas; (b) a argumentação, propriamente dita, emprega provas dialéticas e diz respeito ao verossímil, ao plausível, ao provável, escapando às certezas do cálculo lógico. A prova seria um tipo particular de argumento, o argumento decisivo que torna necessária a admissão da conclusão. O argumento apenas motiva o interlocutor a aceitar a conclusão. (CITELLI, 2004).

Na teoria da argumentação torna-se fundamental a idéia de *auditório*, de que todo discurso é dirigido a um auditório. A mudança de auditório leva à alteração de certos elementos da argumentação, pois os mecanismos da argumentação dependem da relação entre argumentador e seu público.

São condições prévias da argumentação e caracterizam uma espécie de contrato entre destinador e destinatário: (a) a língua comum ao enunciador e enunciatário; (b) o fato de manterem relações sociais; (c) o desejo do enunciador de entrar em comunicação; (d) a atenção e o interesse do enunciatário. Aqui, acreditamos poder dizer diante da situação em questão que há um certo conhecimento empírico das alunas, sujeitos de pesquisa, sobre essas quatro condições, uma vez que se percebe, pelas análises dos textos, um esforço em manter o discurso na “língua do professor”, a evidente relação professor-aluno (sala de aula), o estabelecimento de uma comunicação com aquele que já conhece o assunto em pauta (a professora da disciplina) e as estratégias para a manutenção da atenção do interlocutor.

### 2.3.3 O encadeamento de segmentos textuais no texto argumentativo

Na perspectiva de que num texto predominam as relações entre argumentos, tais relações devem estar pontuadas, marcadas e asseguradas por determinadas associações sintático-discursivas tais como o uso de certos conectivos. Assim, por excelência, seu conteúdo aponta para informações organizadas de modo coerente e coeso. A manutenção de uma estrutura coesa implica a utilização de certos recursos. Entre esses recursos estão os conectivos que podem garantir a articulação entre as idéias do enunciador. A própria escolha

sobre usar ou não tais recursos constitui-se uma estratégia lingüística que denotará a segurança, o conhecimento e a prática do autor nesta tarefa.

Os argumentos dispostos em um discurso devem interagir entre si para manter a organização de um texto. Deve seguir uma estrutura definida, uma seqüência de idéias, seguindo regras fixas, para atingir seus propósitos. À organização, deve-se acrescentar a importância de se inserir argumentos originais, que despertem admiração; e argumentos veementes, que despertem a atenção crítica do auditório.

O montante de argumentos não corresponde, propriamente, à eficácia da argumentação. A preocupação não deve ser somente a composição literária e o conhecimento do auditório ao qual se propõe expor os argumentos, mas também, o tempo de duração dos mesmos. Este tempo interfere de modo ativo na percepção e na capacidade de absorção do público. A simples leitura de um texto longo pode não ser tão bem recebida pelo auditório quanto uma exposição oral dos argumentos que dure o mesmo tempo. O mais importante é a forma como são expostos os argumentos, ou seja, a boa comunicação, que é capaz de conquistar o público. Afinal, este público se encanta mais com o bom comunicador do que com uma boa comunicação. Mas a união destes dois é o ideal de uma argumentação.

A Lingüística Textual tem demonstrado, através de vários estudos, a importância de uma visão mais ampla acerca dos recursos de produção utilizados pelos usuários da língua em seus enunciados. Diferentemente de uma visão gramaticista, que visa a analisar erros e acertos, a Lingüística Textual busca descrever a utilização de determinados recursos, verificando o quanto funcionam no texto, atingindo os objetivos do produtor. Desse modo, este trabalho apóia-se em alguns estudos orientados sob a perspectiva da Lingüística Textual que poderão nos permitir observar quanto sucesso as alunas, sujeitos da pesquisa, alcançam ou não em uma dada tarefa de produção textual.

Quando lemos com atenção um texto bem construído, não nos perdemos por entre os enunciados que o constituem, nem perdemos a noção de conjunto. Com efeito, é possível perceber a conexão existente entre os vários segmentos de um texto interligados. Temos um texto coeso. Tais enunciados não estão amontoados desordenadamente, mas estritamente interligados entre si: ao ler, percebe-se que há ligação entre cada uma das partes. A essa conexão interna entre os vários enunciados presentes num texto dá-se o nome de coesão, que, segundo Kock (2004, p. 18) “diz respeito a todos os processos de seqüencialização que asseguram (ou tornam recuperável) uma ligação lingüística significativa entre os elementos que ocorrem na superfície textual”. Apoiada em vários autores como Halliday e Hasan (1976), Beaugrande e Dressler (1981) e Marcuschi (1983), Koch (2004) constrói o conceito de

coesão, posição também defendida por Costa Vall (1991): “A coesão é a manifestação lingüística da coerência; advém da maneira como os conceitos e relações subjacentes são expressos na superfície textual. Responsável pela unidade formal do texto constrói-se através de mecanismos gramaticais”.

Para Koch (2002) o mais importante no uso desses mecanismos de coesão é que cada um deles tem um valor típico, isto é uma função específica. Além de ligarem partes do discurso, estabelecem entre eles um certo tipo de relação semântica, tradicionalmente identificada como de causa, finalidade, conclusão, contradição, condição, etc. Dessa forma, cada elemento de coesão manifesta um tipo de relação distinta, compondo o “tecido” (tessitura) do texto. Ao escrever, deve-se ter o cuidado de usar o elemento apropriado para exprimir o tipo de relação que se quer estabelecer, porque o leitor espera encontrar coerência no que lê, se as relações não estiverem satisfatoriamente bem determinada, a compreensão do todo pode ser prejudicada. Mesmo a ausência de certos termos pode ser usada como recurso para garantir a coerência.

Ainda de acordo com Koch (2002) embora os elementos coesivos contribuam para o estabelecimento da coerência, eles não são sempre necessários, e nem todo uso garante essa coerência. Isso quer dizer que se pode ter um texto coerente sem, contudo, ter elementos coesivos, do mesmo modo como se pode usar tais elementos e não ter um texto coerente. É possível ter um enunciado coerente, sem elementos de coesão. Isto significa que não há mecanismos cuja função seja assinalar determinadas relações de sentido entre enunciados ou partes de enunciados que compõem o texto, mas as relações de sentido não unificam essa seqüência.

Ex. (1) “O Pedro vai buscar as bebidas. A Sandra tem que ficar com os meninos. A Tereza arruma a casa. Hoje eu vou precisar da ajuda de todo mundo”. (VAL, 1991). No exemplo (1) acima, o que se lê são aparentemente frases desconexas cada um dos quatro enunciados, são períodos simples e não há nenhum elemento explícito que estabeleça conexão entre eles. Porém, um leitor, que quer entender o que lê (ou ouve), considera não quatro enunciados, mas um conjunto de quatro partes significativas, cada uma compondo com uma informação. Essas informações devem, de acordo com as expectativas do leitor, constituir um todo sentido, portanto, coerente. Dessa forma, o leitor pode supor que o último segmento é que recupera a relação entre os segmentos anteriores. “Hoje eu vou precisar da ajuda de todo mundo”. Assim, a coerência se estabelece e cada parte desse todo, traz a informação sobre a ajuda que cada um vai dar ao enunciador (Pedro, a Sandra e a Tereza). Note-se que a coerência se estabelece sem a presença dos conectores. Seria como que o leitor

recompusesse o texto em sua mente da seguinte maneira: (1.a) Enquanto o Pedro vai buscar as bebidas, a Sandra tem que ficar com os meninos, já que a Tereza arruma a casa, porque hoje vou precisar da ajuda de todo mundo.

Também é possível existir incoerência em estruturas com elementos de coesão, ou seja, com os chamados mecanismos de coesão, mas cuja textualidade se dá no nível da coerência.

Ex. (2) “No rádio toca um rock. O rock é um ritmo moderno. O coração também tem ritmo. Ele é um músculo oco composto de duas aurículas e dois ventrículos”. (VAL, 1991).

No exemplo (2), acima, nota-se a presença explícita de mecanismos de coesão. Porém, ao contrário do exemplo (1), a presença desses mecanismos não garante a coerência. O enunciador utiliza, por exemplo, o recurso da repetição de termos: “rock”, “ritmo”, o uso de advérbio: também, e a presença de pronome: ele. Apesar de lançar mão de tais mecanismos, o enunciado em questão não forma um todo de sentido, o que confirma o fato de que não basta a simples presença dos elementos coesivos para que se tenha coerência. De acordo com Koch (2004, p. 30), estudos da Linguística Textual apontam dois mecanismos coesivos: a coesão referencial e a coesão seqüencial. Por coesão referencial, entende-se o uso de elementos que “fazem, de alguma forma remissão a outro elemento do texto” são as chamadas anafóricos remissão a elementos já citados e as catáforas elementos que serão citados). A coesão seqüencial, conforme já se anunciou, refere-se aos procedimentos que estabelecem, ou tentam estabelecer relações semânticas e/ou pragmáticas entre os elementos de um texto.

Para o objetivo de nosso trabalho, exploraremos aqui os mecanismos de coesão seqüencial.

A progressão textual pode fazer-se, conforme se apontou, com ou sem elementos recorrentes, tendo assim os tipos de seqüenciação frástica e parafrástica. Frástica sem procedimentos de recorrência estrita e Parafrástica com procedimentos de recorrência.

Por questões de recorte metodológico, aqui se atém a seqüenciação Frástica. Ela ocorre através de sucessivos encadeamentos, com marcas lingüísticas que integram os enunciados, (ou partes deles) no texto. Basicamente são utilizados os conectivos para esta função. Por conectivos entendem-se palavras cuja função principal seja estabelecer relação entre partes do texto. Integram esse grupo as tradicionais classes dos advérbios, pronomes, preposições e conjunções.

Estes conectivos, denominados assim na gramática tradicional, são chamados por Koch (1992) de “operadores argumentativos”. Segundo ela, estes têm a função de nomear

determinados elementos gramaticais de uma língua com o objetivo de fortalecer a argumentação proposta. Na gramática estrutural são denominados de morfemas gramaticais.

A **conexão** pode ser entendida como a relação estabelecida por conjunções ou advérbios ou expressões de ligação que mantém, entre orações, enunciados ou partes do texto, diversos tipos de relações semânticas e/ou pragmáticas. Isto é, tais categorias de palavras têm como função, ligar, conectar uma parte a outra. Pode ser a ligação entre partes de uma frase, entre frases de um parágrafo, entre parágrafos em um texto ou entre pontos distintos no interior de um texto.

Koch (1992), acrescenta que dentre os diversos tipos de operadores, pode-se destacar:

- a) Operadores que somam argumentos a favor de uma conclusão;
- b) Operadores que introduzem argumentos alternativos que levam as conclusões diferentes;
- c) Operadores que contrapõem argumentos orientados para conclusões contrárias ou que servem para concluir uma idéia;
- d) Operadores que especificam o argumento mais forte de uma escala orientada no sentido de determinar conclusão, relacionada a argumentos apresentados em enunciados anteriores;
- e) Operadores que introduzem uma justificativa ou explicação relativa ao enunciado anterior; e.
- f) Operadores que especificam limite de tempo;

Os conectivos são recursos que servem tanto ao estabelecimento de relações lógico-semânticas, quanto ao estabelecimento de relações discursivas ou argumentativas.

(A) Por relações lógico-semânticas entendem-se aquelas que são expressas por conectores do tipo lógico. São relações desse tipo:

**A.1 - Relação de condicionalidade:** enunciados introduzidas por “então”, que geralmente vem implícito. (oração conseqüente).

**Exemplo:** Caso faça chuva, (então) ficaremos em casa.

**A.2 - Relação de causalidade:** enunciados introduzidos por “porque”.

**Exemplo:** A menina ficou rouca porque chorou demais.

(Conseqüência)

( Causa)

**A.3- Relação de mediação:** conjunções que expressam o meio utilizado para se atingir algo.

**Exemplo:** O jovem envidou todos os esforços para conquistar o amor da garota dos seus sonhos.

**A.4 - Relação de disjunção:** Utiliza o conectivo “ou”. **Valor exclusivo** (isto é, um ou outro).

**Exemplo:** Você vai passar o feriado em casa ou vai para o rancho?

**Valor inclusivo** (e/ou), ou seja, um ou outro, possivelmente ambos.

**Exemplo:** Todos os professores da universidade deveriam usar crachás ou usar camisa da universidade.

**A.5 - Relação de temporalidade:** palavras ou expressões que indicam tempo “quando”, “assim que”, “antes que” “à medida que” etc.

**Tempo simultâneo - (exato, pontual).** **Exemplo:** Quando o teatro começou ouviu-se um grito na platéia.

**Tempo anterior/posterior – Exemplo:** Antes que o ladrão assaltasse o banco, o soldado deu-lhe vários tiros.

**Tempo contínuo ou progressivo – Exemplo:** À medida que os recursos iam acabando, aumentava o desespero da população de São Paulo isolada pelas inundações.

**A.6 - Relação de conformidade:** expressões do tipo “conforme”, “segundo”, de acordo.

**Exemplo:** O aluno agiu conforme a diretora lhe havia determinado.

**A.7 - Relação de modo:** expressões que indicam como a ação foi executada.

**Exemplo:** Sem erguer a cabeça, a criança ouvia as broncas da mãe.

(B) Por relações discursivas ou argumentativas entendem-se aquelas compostas por conectores chamados de encadeadores de discurso. São responsáveis pela estruturação de enunciados em textos, por meio de encadeamentos sucessivos, sendo cada enunciado resultante de um ato de fala distinto. Entre as principais destas relações podem citar-se as seguintes:

**B.1 - Conjunção** – efetuada por meio de operadores como *e, também, não só...mas também, tanto...como, além de, além disso, ainda, nem (= e não)*, quando ligam enunciados que constituem argumentos para uma mesma conclusão.

**Exemplo:** Maria é, sem dúvida, a melhor professora. Tem boa formação e um currículo invejável. Além disso, é competente. Ressalte-se, ainda, que possui uma ótima relação professora/aluno.

**B.2 - Disjunção argumentativa** – *Trata-se aqui da disjunção de enunciados que possuem orientações discursivas diferentes e resultam de dois atos de fala distintos, em que,*

por meio do segundo, procura-se provocar o leitor/ouvinte para levá-lo a modificar a opinião expressa no primeiro.

**Exemplo:** *Todo voto é útil. Ou não foi útil o voto dado ao prefeito nas eleições, há meses atrás?*

**B.3 - Contrajunção** \_ através da qual se contrapõem enunciados de orientações argumentativas diferentes, devendo prevalecer a do enunciado introduzido pelo operador mas (porém, contudo, todavia).

**Exemplo:** *Tinha todas as qualidades para ser um bom profissional. Mas vivia só isolado.*

**B.4 - Explicação ou justificativa** - quando se encadeia, sobre um primeiro ato de fala, outro ato que justifica ou explica o anterior.

**Exemplo:** *Não vá agora, que tenho uma coisa importante para lhe mostrar (justificativa).*

**Exemplo:** *Deve ter faltado água por muito tempo, pois as torneiras estão saindo totalmente sujas. (Explicação)*

**B.5 - Conclusão** – em que, por meio de operadores como, *portanto, logo, por conseguinte, pois etc*, introduz um enunciado de valor conclusivo em relação a dois ou mais atos de fala anteriores que contêm as premissas, uma das quais, geralmente permanece implícita, por tratar-se de algo que é voz geral, de consenso em dada cultura, ou então verdade universalmente.

**Exemplo:** *Maria é uma amiga perigosa. Portanto, fique longe dela.*

**B.6 - Comparação** – se expressa por meio dos operadores (tanto, tal)... como (quanto), mais...(do) que, menos...(do) que, estabelecendo entre um termo comparante e um termo comparado, uma relação de inferioridade, superioridade ou igualdade.

**Exemplo:** *Pedro é tão alto quanto José.*

**B.7 - Generalização/extensão** – em que o segundo enunciado exprime uma generalização do fato contido no primeiro, ou uma ampliação da idéia nele expressa.

**Exemplo:** *Fernando está atrasado. Aliás ele nunca chega na hora.*

**Também**

**É verdade**

**Que**

**B.8 - Especificação/exemplificação** – em que o segundo enunciado particulariza e/ou exemplifica uma declaração de ordem apresentada no primeiro mais geral apresentada no primeiro.

**Exemplo:** Muitos de nossos amigos viajaram nas férias. Carlos, por exemplo, está em Porto Seguro.

**B.9 - Contraste** – Na qual o segundo enunciado apresenta uma declaração que contrasta com a do primeiro, produzindo um efeito retórico.

**Exemplo:** Gosto muito de caminhar. Mas correr, faça-me o favor!

**B.9 - Correção/redefinição** – quando, através de um segundo enunciado, se corrige, suspende ou redefine o conteúdo do primeiro, se atenua ou reforça o comprometimento com a verdade do que nele foi veiculado ou, ainda, se questiona a própria legitimidade de sua enunciação.

**Exemplo:** Irei ao seu aniversário. Isto é, se você me convidar.

Charolles (apud KOCK, op.cit.) “Ressalta que o uso de mecanismos coesivos facilita a interpretação do texto e a construção da coerência pelos usuários. Seu uso inadequado pode dificultar a compreensão do texto, se seu emprego estiver em desacordo com sua função, o texto parecerá destituído de seqüencialidade, o que dificultará a sua compreensão e, portanto, a construção da coerência pelo leitor/ouvinte”.

### 3 METODOLOGIA

O corpus deste trabalho é constituído de textos de alunas do 5º período do curso Normal Superior da UNIPAC – Universidade Presidente Antônio Carlos da cidade de Campo Belo –MG, cujas alunas são trabalhadoras e frequentam o curso noturno.

No intuito de se garantir a isenção científica, decidiu-se por adotar como sujeitos de pesquisa alunas do Curso Normal Superior e analisar suas produções em disciplina ministrada por outro docente. Procurando um maior distanciamento nas análises, a pesquisa concentrou-se na observação de um trabalho da disciplina “Alfabetização e Letramento”.

Nesse trabalho de cunho qualitativo, serão analisados 26 textos produzidos em uma das disciplinas “Alfabetização e Letramento”, no final do 5º período de um curso de seis períodos (3 anos) de duração.

As produções de textos em questão foram obtidas na atividade de Avaliação Final da Disciplina Alfabetização e Letramento que tinha valor de 30 pontos. A tarefa das alunas consistia em responder ao seguinte enunciado: Durante o nosso curso vimos, na Disciplina Alfabetização e Letramento, várias teorias e tendências que explicaram o fenômeno da alfabetização e do letramento. Dentre elas escolha uma e elabore um texto justificando sua escola (tendo em vista a sua definição de Alfabetização).

Os textos produzidos pelas alunas do curso Normal Superior constituem, isto sim, uma tentativa de mostrar à professora da disciplina que elas sabem alguma coisa da matéria. Isso já seria uma argumentação por si só. E nosso trabalho procura investigar o desempenho das alunas do Normal Superior na implementação de uma tarefa de produção de um texto com características argumentativas, a partir da proposta imposta num contexto marcado por uma situação de avaliação e, por extensão, como as alunas mobilizam certos recursos lingüísticos/argumentativos no ato de produção de um texto dissertativo clássico.

## 4 ANÁLISE DE DADOS

Vieira (1988 apud GOULART, 2003, p. 89) afirma que essa estrutura – texto dissertativo - é preferida pelas crianças e que aí elas se valem da reiteração de idéias para dar suporte a seus posicionamentos. Isto acontece, no caso de crianças, devido à pouca experiência que têm com o esquema argumentativo, dando espaço a textos lineares, isto é, há argumentos, mas eles não se relacionam entre si. Curiosamente, esta característica descrita pela autora como própria de escritas de crianças pequenas, mostrou-se muito comum nos textos objeto desta pesquisa, o que reforça nossa hipótese de que as alunas, embora em período já avançado do curso superior não têm experiência de leitura e produção de textos que lhes permita criar uma estrutura textual mais densa e complexa.

Ramos (1997) define coesão como o mecanismo que consiste no “conjunto de amarras de nível superficial que evidenciam relações entre elementos do texto”. Em seu trabalho, diferentemente de nosso propósito, aponta os principais problemas de coesão encontrados nas redações pesquisadas, a saber: orações incompletas ou desconectadas; conectores inadequados ao sentido; ambigüidade de referência anafórica. Não daremos esse viés de erro ou inadequação, mas essas características são marcantes nos textos de nosso trabalho e merecem, portanto, a devida atenção como marcas de autoria (ou da ausência dela) das alunas do curso Normal.

Há que se considerar que, de acordo com Ramos, problemas com a coerência é outro fator que tem interferido na produção textual nas escolas. Segundo a autora, os principais problemas de coesão encontrados decorrem da *falta do que dizer*. Normalmente o aluno e também o professor não se assumem como sujeitos da enunciação. Há uma “*descaracterização do aluno como sujeito da interlocução na produção de um texto escrito*”. Assim, fica o aluno sem ter o que dizer para o professor e este, por sua vez, não quer saber o que o aluno diz, mas, se o que diz corresponde ao que foi “ensinado” em sala. A situação enfocada por esta pesquisa não se descaracteriza, ao contrário, reforça esse quadro na medida em que os textos analisados foram produzidos no contexto da sala de aula, numa situação de avaliação em que o aluno tem de dizer o que sabe para ser avaliado pelo professor.

Diante da necessidade de produzir um texto para a avaliação do professor, o aluno lança mão dos recursos lingüísticos de que dispõe. Assim utiliza vários expedientes na tentativa de mostrar que sabe ou que se lembra da matéria estudada no período. Essa preocupação desvia o foco do texto para a superposição de teorias, autores e exemplos. Como

resultado, tem-se não um texto no qual o aluno expresse sua posição em relação ao tema proposto, mas um amontoado de frases recolhidas em suas memórias de classe.

Detectou-se no presente corpus, de acordo com Ramos (1997), comportamentos textuais que corroboram as idéias aqui defendidas. Trata-se de trechos de textos em que os alunos:

a) não explicitam a conexão ou a completude de frases:

“A princípio o que temos que ter em mente quando pensamos em alfabetizar, independentemente em qual etapa está: Alfabetizar é a habilidade de conhecer o código alfabético e as regras que o regem na forma de palavras, textos”. (L.C.S.M).

b) fazem uso de relatores discursivos (conectores) que não expressam o que se espera, frustrando as expectativas do leitor:

“O processo silábico usa uma palavra chave apenas como fonte para a seleção de sílaba. Depois das sílabas memorizadas, o aluno aprende a justapô-las formando novas palavras. Embora tenha algumas desvantagens. A Leitura não é valorizada como um aspecto significativo, de início. Tem pouca ênfase no sentido do texto e no uso social da escrita”. (L.A.P. P).

Estes casos, bastante recorrentes aqui, podem ser justificados, segundo Pécora (apud RAMOS, 1997, p. 72), pela influência da oralidade. Cabe esclarecer que, embora se trate de alunos universitários, sua prática de leitura é bastante reduzida e as situações de uso da oralidade são sobremaneira valorizadas. Haja vista a relativa facilidade dos graduandos em “falar” dos assuntos tratados ou em apresentar oralmente uma teoria estudada. Quando a mesma tarefa é solicitada por escrito, os próprios estudantes têm “dificuldades de pôr no papel”.

Segundo o autor, a oralidade exerce tal poder porque:

- a) a perenidade do registro da modalidade escrita por si só impede de explicar o problema de incompletude associativa como resultado de falhas na acuidade da memória. Diferentemente do que ocorre na fala, não seria possível anular ou deixar sem efeito uma determinada construção simplesmente pelo prosseguimento do discurso em outra direção;
- b) existe uma “dificuldade do produtor do texto para manipular a linguagem de forma adequada à virtualidade de seus interlocutores;
- c) a reiteração responde a uma estratégia de preenchimento em que o problema é ganhar espaço e não estabelecer relações. (PÉCORA apud RAMOS, 1997, p. 72).

O problema que se coloca com esta pesquisa é que as alunas, sujeitos de pesquisa, “forçam” o preenchimento de tais requisitos, porque sabem empiricamente de sua

necessidade, e se vêem diante de uma situação na qual uma tarefa precisa ser bem cumprida. Citamos aqui o exemplo da aluna S.A.A. que deixa em seu texto um lembrete para a professora.

*Exemplo: “Professora, dei o máximo de mim, preciso de 15 pontos espero conseguir. Obrigado. Desejo a você ótimas férias”.*

Dizemos “forçam”, porque, de fato, elas não têm o que dizer, no sentido que não se constitui a escrita uma *necessidade de comunicação*, mas uma imposição do sistema educacional. Também corrobora nossa argumentação o fato de as alunas não terem um motivo (legítimo?) para dizer algo, isto é elas são quase “obrigadas” a dizer algo. E dizer algo para quem? Neste caso o professor não configura um interlocutor típico, mas é, antes de tudo, o avaliador. Elas escrevem algo que precisam demonstrar que sabem para alguém que julgam saber ainda mais sobre o que dizem. Dadas essas dificuldades iniciais, a consequência inevitável é que elas geralmente não se apropriam do discurso, mas fazem a reprodução do que ouviram nas aulas, leram em textos, lembram-se dos apontamentos registrados. Finalmente, além da situação de simulacro que a prova cria, associa-se a pouca prática de leitura e escrita que têm. O resultado é a utilização muito tímida das estratégias discursivas necessárias para se atingir os objetivos da proposta de produção textual.

*Exemplo: “Pois eles partem das partes para o todo, implicam na memorização e repetição e as dificuldades ortográficas são apresentadas aos alunos gradualmente”.*

*Fazendo com que a criança desenvolva autonomia através da alfabetização, pois ela ao assimilar e entender o B+A é ba ela consegue escrever e ler várias palavras com ba e assim adiante até conhecer as outras famílias silábicas e conhecendo os sons dos fonemas e grafemas ela se torna alfabetizada e é capaz de ler/escrever qualquer palavra. 1”*

O *corpus*, objeto deste trabalho, enquadra-se perfeitamente na situação acima descrita. E como lembra Ramos (1997): “a redação típica é apenas um dentre os múltiplos tipos de textos produzidos pelos alunos”. O problema que se coloca é que o professor (universitário) ganha duplo estatuto: o de destinatário e o de revisor/avaliador do texto do graduando. Os estudantes não *escrevem* para o professor, apenas lhe *entregam* os textos. Por isso, por essa ausência de destinatário real (ao contrário de um bilhete, carta ou e-mail, por exemplo), é que a maioria dos textos analisados neste trabalho não têm sentido, ou, apresentam estrutura constituída de superposição de períodos simples, sem conexão entre si, além do uso modesto e por vezes inadequado dos conectores frasais, dêiticos e anafóricos.

Talvez essa atitude do alunado possa ser também explicada pela prática limitada em leitura e produção de textos acadêmicos. Como estão numa situação em que *precisam*

escrever, já que, de sua escrita dependem a nota e a conseqüente aprovação na disciplina, alocam todos os recursos de que dispõem ou que julgam ser mais “eficientes” aos olhos do professor.

E é com o olhar voltado para tal condição de produção que nos debruçaremos para investigar como na construção de um texto dissertativo as alunas mobilizam certos recursos lingüísticos, ou seja, certos operadores argumentativos. É importante ressaltar algumas marcas lingüísticas da argumentação. Nosso interesse aqui recai sobre os operadores argumentativos (KOCH, 2004, p. 102-108), embora se possa falar dos tempos verbais, da pressuposição, dos verbos caracterizadores da argumentação, das relações entre frases, sobre orações que introduzem idéias ou relacionam umas com as outras, da própria argumentação e da retórica.

Existe na gramática de cada língua uma série de morfemas responsáveis por esse tipo de relação, que funcionam como operadores argumentativos ou discursivos. Em alguns casos trata-se de morfemas que a gramática tradicional considera como elementos meramente relacionais - conectivos **como, mas, porém, embora, já que, pois** etc. E outros que segundo a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) Koch (2004.p.40), não se enquadram em nenhuma das dez classes gramaticais.

Palavras dessa categoria tradicionalmente descritas pela gramática como meros elementos de relação, destituídas de qualquer conteúdo semântico são, na verdade, responsáveis em grande parte, pela força argumentativa de nossos textos. Ressalta-se também a necessidade de se conscientizar o usuário da língua do valor argumentativo dessas marcas, para permitir-lhe percebê-las no discurso do outro e utilizá-las, com eficácia, no seu discurso.

Na tese defendida por Ducrot, Anscombe e Vogt (1982) do livro citado por Koch (2004), o uso da linguagem é inerentemente argumentativo. Trata-se de instruções codificadas, de natureza gramatical, o que leva, portanto, ao reconhecimento de um valor retórico (argumentativo) da própria gramática.

Por operadores argumentativos entende-se o conjunto de morfemas próprios de cada língua, responsáveis por estabelecer relações entre enunciados do tipo “ser argumento para algo”.

Foge do escopo deste trabalho uma comparação no uso de tais operadores pelas alunas sujeitos da pesquisa do ponto de vista da Gramática Normativa com as teorias da Lingüística textual. Contudo, é importante lembrar ao leitor que essa categoria de recurso textual está presente na gramática da língua. É igualmente importante lembrar que a Gramática dá um tratamento diferenciado aos operadores argumentativos como meros conectivos ou palavras

denotativas (KOCH, 2004, p. 103): *mas, porém, pois* etc; e *até, mesmo, também, isto é, ou melhor, então* etc. respectivamente.

O presente estudo verificará nas produções de textos de alunas do 5º Período do Normal Superior aspectos da coesão seqüencial, que para Kock (2004) diz respeito aos procedimentos utilizados para estabelecer relações semânticas e/ou pragmáticas entre os elementos de um texto.

A progressão textual pode fazer-se com ou sem elementos recorrentes, tendo assim os tipos de seqüenciação frástica e parafrástica, respectivamente.

A seqüenciação frástica ocorre através de encadeamentos, com marcas lingüísticas que integram os enunciados, (ou partes deles) no texto. O foco desta pesquisa está na seqüenciação frástica, mais especificamente, na análise do valor dos conectivos nas produções. Basicamente são utilizados os conectivos para esta função. Tais conectivos, chamados de encadeadores de discurso, são responsáveis pela estruturação de enunciados em textos, por meio de encadeamento sucessivos, sendo cada enunciado resultante de um ato de fala distinto.

Considerando o estudo desenvolvido por Ducrot (apud KOCK, 2004) o conectivo pode ser chamado de operador argumentativo. O operador argumentativo opera, promove a relação entre dois argumentos, e neste caso específico, do “mas” espera-se encontrar uma relação pautada pela oposição. Essa oposição pode ser marcada pelo seguinte esquema: Argumento A + OPERADOR + ARGUMENTO B. Deve-se levar em conta que geralmente o argumento B, tem mais peso levando, o leitor à conclusão que o produtor do texto deseja. Dentro os operadores que contrapõem argumentos orientados para conclusões contrárias, podem citar: *mas (porém, contudo, todavia, no entanto, etc)*, *embora (ainda que, posto que, apesar de (que), etc)*.

Para demonstrar este funcionamento, Ducrot utiliza duas noções básicas: a de escala argumentativa e a de classe argumentativa.

Por escala argumentativa entende-se “quando dois ou mais enunciados de uma classe se apresentam em gradação de força crescente no sentido de uma mesma conclusão”. E a “Classe Argumentativa é constituída de um conjunto de enunciados que podem igualmente servir de argumento para uma mesma conclusão, isto é, todos os argumentos têm o mesmo peso para levar o leitor a uma conclusão.” (KOCH, 2004, p. 30).

A escala argumentativa pode ser representada da seguinte forma:

- (A) O evento foi um sucesso
- (B) Xuxa esteve presente

(C) Lula esteve presente

(D) Renato Aragão esteve presente.

Os quatros argumentos acima, colocados numa mesma espécie de escala de valores, reforçam e/ou legitimam a afirmação do argumento (A):

(A) O evento foi um sucesso	Já que
	Uma vez que
	Porque

(B) estiveram presentes Renato Aragão, Xuxa, Presidente Lula
(C)
(D)

Se a mesma conclusão for negada invertem-se os elementos da escala.

(A) Não + (B) + (C) + (D)

O evento não foi um sucesso	Já que
	Uma vez que
	Porque

(B) Não estiveram presentes nem

(C) Renato Aragão, nem a Xuxa e nem o Presidente Lula.

(D)

Já a classe argumentativa apresenta argumentos que se somam à conclusão, não necessariamente uma escala:

(A) João é o melhor candidato (PORQUE)

(B) Tem boa formação

(C) Tem experiência

(D) É honesto

## 1. OS CONECTIVOS “EMBORA”/ “MAS”

Kock (2004) afirma que “do ponto de vista semântico, os operadores do grupo MAS e os do grupo EMBORA têm funcionamento semelhante: eles opõem argumentos enunciados

de perspectivas diferentes, que orientam, portanto, para conclusões contrárias. A diferença entre os dois grupos diz respeito à estratégia argumentativa utilizada pelo locutor". (GUIMARÃES, [s.d.], p. 37).

Não obstante a semelhança semântica de tais operadores eles apresentam um funcionamento sintático e lógico-discursivo distintos.

O operador "mas" une duas orações de estrutura sintática mais simples com verbos no pretérito perfeito. Exige menos do produtor do texto para ser usado de maneira eficiente.

Exemplo - Estudou, mas não passou.

O operador "embora" oferece mais recursos e também exige mais domínio lingüístico do produtor. Mais recursos porque pode unir duas orações como faz o "mas" ou pode iniciar uma frase colocando o segundo elemento justaposto ao primeiro.

Exemplo - **EMBORA** tivesse estudado, não passou.

A estrutura sintática para uso do **EMBORA** é mais complexa e mais distante do uso das variantes populares da língua. Normalmente é composta por uma oração com verbo no pretérito perfeito mais oração introduzida pelo operador com conjunção comporta: subjuntivo + verbo principal no particípio. Exemplo - Não passou embora tivesse estudado.

Das 26 produções apresentadas uma aluna faz uso do "embora", em uma única ocorrência.

Aluna L.A.P.P- *"O processo silábico usa uma palavra chave apenas como fonte para a seleção da sílaba. Depois das sílabas memorizadas, o aluno aprende a justapô-las formando novas palavras. EMBORA tenha algumas desvantagens. A Leitura não é valorizada como um aspecto significativo, de início. Tem pouca ênfase no sentido do texto e no uso social da escrita"*.

Como se pode observar no exemplo acima citado, o operador não aparece cumprir sua função característica conforme se demonstra aqui.

Neste exemplo, a estrutura sintática do enunciado introduzido pelo conectivo **EMBORA** está de acordo com o esperado. O problema parece estar na estruturação e no encadeamento que a aluna dá aos argumentos anteriores e posteriores ao segmento do **EMBORA**. Dessa forma cria ao leitor um esforço desnecessário para a compreensão.

A dúvida reside no fato de o leitor não conseguir estabelecer a relação entre os argumentos. Como há um ponto final antes do embora, calcula-se encontrar o complemento na oração posterior:

- (A) **EMBORA** tenha algumas desvantagens
- (B) a leitura não é valorizada.

Essa hipótese, contudo não é confirmada porque: (1) do ponto de vista semântico o conjunto (A) + (B) não fez sentido, considerando o contexto, e (2) do ponto de vista sintático são duas frases distintas, períodos simples com um ponto final entre o enunciado (A) e o (B).

Assim, o leitor é levado a elaborar sua hipótese, imaginando ou ter lido errado ou que, no equívoco, o produtor tivesse feito a relação com o enunciado anterior ao **EMBORA**:

(C) Depois das sílabas memorizadas, o aluno aprende a justapô-las formando novas palavras.

(A) **EMBORA** tenha algumas desvantagens.

Novamente frustra-se o leitor em sua tentativa de, através de elementos coesivos, buscar a coerência do texto. Dos mesmos pontos de vista salientados (semântico e sintático) o leitor não consegue fazer a conexão que o operador **EMBORA** se propõe a fazer.

Isso parece nos permitir dizer que, neste caso, a aluna tem sérias dificuldades com estruturas sintático-semânticas mais complexas. Uma observação de seu texto demonstra que das mais de 20 linhas escritas numa folha tipo sulfite apenas um conector do grupo analisado foi encontrado e todas as frases são períodos simples encadeados ou justapostos.

*Exemplo: "Existem dois tipos de métodos os sintéticos e os analíticos. Nos sintéticos há vários processos. O processo fônico, o alfabético e o silábico que se baseiam num mesmo pressuposto: O de que a compreensão do sistema da escrita se faz sintetizando/juntando unidades menores, que são analisados para estabelecer relação entre fala e sua representação escrita. Dependendo do método, estas unidades de análise podem ser escolhida entre letras, fonemas ou sílabas, para, depois, formar o todo". (L.A.P.P)*

Mostramos, a seguir, o esquema de funcionamento do **MAS** e de seus similares: o locutor introduz em seu discurso um argumento possível para uma conclusão, logo em seguida, opõe-lhe um argumento decisivo para a conclusão contrária .

Ex: A equipe da casa não jogou mal, mas o adversário foi melhor e mereceu ganhar o jogo.

No exemplo acima, observamos a presença de dois argumentos: o primeiro traz a informação de que a equipe não jogou mal que, em última instância, poderia ser entendida como "o time jogou bem". O conectivo "mas", opera a oposição com segundo argumento, que é o "o time adversário jogou melhor". Assim, o leitor é levado a atribuir mais peso ao segundo argumento que se opõe ao primeiro, por meio do operador "mas", concluindo em favor deste segundo argumento.

O corpus do trabalho é composto de 26 textos produzidos pelas alunas do curso Normal Superior. Uma análise preliminar demonstrou que do total, 11 apresentaram o

conectivo “mas” e, entre as 11, duas tiveram mais de uma ocorrência. No grupo dos argumentadores do “embora”, houve registro de apenas uma ocorrência.

As alunas conferem a tais conectivos diferentes funções, tais como valores conjuntivos, disjuntivos, contrajuntivos<sup>1</sup> e ainda utilizam o “mas” com uma quarta função. Na verdade não é propriamente uma “função” segundo o que se verifica na teoria de coesão seqüencial, mas um uso que chamaremos de retórico. Retórico porque sua única função parece ser a de apenas “compor” a estrutura do texto.

*Exemplo: “Ser alfabetizado, é ser capaz de compreender o alfabeto como um conjunto de símbolos gráficos, assim como as regras que o regem.*

*Mas como chegamos a isso?”(M.K. C)*

A partir da análise das 26 produções de textos verificou-se que 11 usaram o conectivo “mas” e entre as 11 somente duas tiveram mais de uma ocorrência. O conectivo “**embora**” aparece uma única vez.

O presente estudo verificou que as alunas conferem a tais conectivos diferentes funções, tais como valor conjuntivo e disjuntivo. Nosso estudo aponta ainda que há outras funções, características de outros conectores que foram atribuídos ao “mas” nas produções analisadas. **Trata-se do valor de contrajunção, correspondente a conectivos do tipo “porém, contudo, todavia”.**(Kock,op.cit).

Do total de 14 ocorrências do MAS observa-se a seguinte distribuição: duas ocorrências com valor conjuntivo, duas com valor retórico, quatro com valor de disjunção argumentativa e seis de contrajunção, conforme se demonstra nos exemplos a seguir:

**Valor A - conjuntivo** que equivale a “além de”, está ligando enunciados que constituem argumentos para uma mesma conclusão. Isto significa que estão unindo as duas partes: a parte anterior (o sentido) e comparada ao sentido da parte posterior. Este valor pode ser descrito através dos exemplos a seguir:

*1 - “Alfabetização pressupõe entender o alfabeto, é transformação, conversão dos sinais gráficos em unidades sonoras e vice-versa, dá autonomia ao aluno.*

*Mas para conseguir que a criança alfabetize, é preciso utilizar um método de alfabetização.”*

(E.S.L.F). (MAS = E)

*2 - “Existem vários métodos para chegar a alfabetização: global, fonológico, silábico, mas um completa o outro.”(L.C.S.M).*

<sup>1</sup> Em nossa análise, utilizaremos os valores e relações atribuídos aos conectivos por Koch (2004).

**Valor B - disjunção argumentativa** possui orientação discursiva diferente e resulta de dois atos de fala distintos, em que, por meio do segundo, procura-se provocar o leitor/ouvinte para levá-lo a modificar sua opinião expressa no primeiro. Exemplos a seguir:

3 – “Alfabetização palavra tão fácil de ser ouvida, **mas** (MAS = PORÉM) tão difícil de ser compreendida e executada.” (L.M).

4 – “Em seu estudo relata alguns conhecimentos básicos para a leitura e para a escrita, que na minha opinião irá reforçar e enriquecer o trabalho do alfabetizador, não como pré - requisito, um preparo sistemático e anterior ao processo de alfabetização, **mas** como caminho de organização e sistematização”. (D.A.A).

**Valor C - Contrajunção** contrapõe enunciados de orientações argumentativas diferentes, devendo prevalecer a do enunciado introduzido pelo operador “mas” com valor de “porém”. Exemplos a seguir:

5 – “Todas as teorias são válidas, assim eu penso e acredito, **mas** é necessário que as entendemos e saibamos expô-las.

Pessoalmente acredito e gosto da teoria de Capovilla e Capovilla, que explica o fenômeno da Alfabetização de uma maneira mais simples, porém é ampla em sua extensa prática do dia-a-dia e está sempre junto da realidade e atualidade, **mas** não deixa de lado a eficácia dos métodos, destacando o fônico, possui também a Consciência silábica que nada mais é o início da Alfabetização.

Entendo e vejo que dentro da Alfabetização estuda-se os grafemas, os fonemas, e o aluno não sabe ler totalmente, apenas conhece algumas letras, Alfabetização também pode se dizer que é o conhecimento que o aluno tem, **mas** não sabe ler nem escrever”. (A.V.L.S).

6 – “Após reconhecê-las passa à fase alfabética fonológica, onde a criança usa a memória visual e auditiva (entendidas anteriormente) para decodificar e entender a palavra lê por partes (sílabas), escreve pelo som por exemplo, TESOURA, pode ser que ela escreva TSOA, **mas** esta criança, estaria no caminho certo, pois já decodifica cada parte da palavra.” (A.S.M)

7 – “É uma leitura icônica da sociedade letrada, sabe o contexto que é a prática social da leitura, sabe o que significa **mas** não conhece as letras, fonemas, etc.” (L.C.S.M)

**Valor D –Retórico** - Normalmente, o produtor do texto sente que precisa sinalizar o movimento ao leitor. Neste caso, pode ser para marcar o início da conclusão ou para demonstrar que está articulando as informações anteriores com aquelas do novo período. O conectivo usado não contribui em nada na condução do texto, tanto que, sua ausência não acarretaria qualquer prejuízo à compreensão, nem mesmo à estrutura do período.

Neste exemplo a aluna cumpre a tarefa, mas talvez pela limitação de recursos lingüísticos o que achou melhor fazer em termos de cumprimento da tarefa, usa o conectivo MAS para sinalizar à professora que seu texto está no final. Provavelmente pela limitação de recursos lingüísticos ou pelo fato do modelo da cartilha estar calcado na cabeça da aluna apesar de estar cursando um curso superior.

8 – “A professora seguirá em frente, para outra família silábica assim que seus alunos compreenderem, aprenderem as sílabas trabalhadas. **Mas** seja qual for o método utilizado pelo professor, o que se deve ter em mente é a preocupação de se fazer um bom trabalho.” (B.A.A)

9 – “Ser alfabetizado, é ser capaz de compreender o alfabeto como um conjunto de símbolos gráficos, assim como as regras que o regem.

**Mas** como chegamos a isso?” (M.K. C)

Pode-se dizer que o conectivo assume um valor retórico, com a função de possibilitar uma seqüência com o enunciado anterior, equivalendo a “E”.

A maioria das ocorrências se dá em contextos sintáticos que favorecem o uso do conectivo nas funções (valores) que tradicionalmente o conectivo “mas” assume, inclusive os valores retóricos, que é bastante legítimo no uso cotidiano do idioma.

Isso nos leva a supor que, em sua maioria, as alunas fazem uso bastante apropriado do conectivo em questão. Por se tratar de estruturas mais simples, e de uso mais comum, observa-se a propriedade na utilização do MAS, o que não se verifica, por outro lado, no uso do EMBORA mais complexo sintática e semanticamente.

## 2. O CONECTIVO “QUANDO”

Na análise dos dados verificamos 10 ocorrências do conectivo “Quando” que possui o valor de “Relação de Temporalidade”. Contudo, podemos perceber com nossa análise que a maioria das alunas usou o “quando” com valor de conformidade. Para exemplificar apresentamos o texto da aluna (S.A.A)

**Valor conformidade** – É um valor mais comum da oralidade

10) “Miriam lemle confirma quando diz que a alfabetização é o resultado não de um método, mas de todos eles elencados em um único objetivo”. (S.A.A)

11) “Sendo que concordo com Miriam Lemle **quando** diz as primeiras etapas é um processo artificial”. (S.A.A)

### 3. O CONECTIVO “PORQUE”

Na análise dos dados verificamos 10 ocorrências do conectivo “**porque**” com o valor de Relação de Causalidade, relação Expressa pela conexão de duas orações, uma das quais encerra a causa que acarreta a consequência contida na outra.

12) *“Através da alfabetização o indivíduo passa a ter identidade própria, **porque** passa a conhecer, entender o mundo através da leitura e escrita.”* (B.A.A).

13) *“Palavração (parte de palavras selecionadas), Setenciação (parte de uma frase selecionada pela turma), Conto de Histórias (ampliação do método de setenciação, difere **porque** através da frase, forma uma historieta), Natural (parte de um pré-livro que contém registros de conversas de classe”.* (B.A.A).

14) *“O professor pode alfabetizar usando algum desses métodos. Para mim, o método silábico é a forma mais eficaz de alfabetizar, **porque** através dele o aluno pode aprender mais rápido “.* (B.A.A).

### 4. O CONECTIVO “OU SEJA”

Na análise dos dados verificamos 22 ocorrências do conectivos “**ou seja**” e “**ou**”. De acordo com a teoria desse distribuíram em 2 categorias, que são:

**A) Valor de Correção/Redefinição** – “Quando, através de um segundo enunciado, se corrige, suspende ou redefine o conteúdo do primeiro, se atenua ou reforça o comprometimento com a verdade do que nele foi veiculado **ou**, ainda, se questiona a própria legitimidade de sua enunciação”. (Kock, 2004a: 76).

15 – *“Alfabetização **ou seja** decodificar e codificar (ler e escrever) é prioridade na educação, mas na verdade a prática é bem diferente, as escolas precisam de verbas, a educação merece melhor investimento, para entender melhor, é preciso que saibamos que hoje a forma de ensinar é variada e precisa ser diversificada, principalmente na educação infantil.”* (L.M).

16 – *Segundo Capovilla, sobre a consciência fonológica, a criança aprende por métodos, ler decodificando, **ou seja** pelo som, pela letra e sílaba, isto é muito simples, pois a criança estará alfabetizando....”*(M.F.O).

## 5. O CONECTIVO “OU”

17) “Os processos sintéticos sobrecarregam a memória dos alunos nos primeiros estágios com unidades pouco significativas (letras, sons, sílabas), correndo o risco de desmotivação do aluno **ou** de torná-lo um leitor mecânico”. (E.L.F)

18) “ Ser professor, na intriga, não poderia ser chamado profissão, pois profissão é algo que você aprende e passa para aqueles e passa para aqueles que querem aprender **ou** exerce em função de algo ser professor vai além, é amar quando o desespero bate, entender quando tudo parece perdido, é ser “professor” na arte de ensinar a crescer, ter vocação para formar um cidadão”. (L.M)

**Valor de contraste** – “No qual o segundo enunciado apresenta uma declaração que contrasta com a do primeiro, produzindo um efeito retórico”.

19) Ex: “Linguagem oral – discutir com a criança cor, é feita para beber **ou** comer, à medida em litro **ou** quilo, é bebida alcólica **ou** não”. (L. M).

20) “Quando se ensina por este processo, inicia-se com um treino auditivo, onde o aluno percebe que as palavras são formadas por estruturas silábicas simples, (sílabas constituídas por e vogal, **ou** por sílabas mais complexas, (sílabas constituídas por consoante, consoante vogal, ou consoante, vogal, consoante”. (E. L.F)

Os exemplos acima foram obtidos de 13 ocorrências verificadas no “corpus”. No caso de L.M apesar de contraste não se verifica o valor retórico, ao passo que E.L.F verifica-se o valor de exclusão.

## 6. O CONECTIVO “POIS”

Foram detectados 19 casos. O conectivo “**Pois**” foi distribuído em duas categorias: “**Explicação ou Justificativa**” e com uma outra categoria/função que chamaremos “**Valor Zero**”, utilizado mais como um adereço, um enfeite, não estabelecendo qualquer relação semântica ou mesmo sintática entre os enunciados.

**A) Explicação ou Justificativa** – “Quando se encadeia, sobre um primeiro ato de fala, outro ato que justifica ou explica o anterior”. (KOCK, 2004, p.73).

21) “Alfabetizar é um compromisso social, político, ético, **pois** para conseguirmos que alguém entenda aquilo que lhe é passado, precisamos de esforço e dedicação, e quem é alfabetizador recebe uma dádiva **Poe** entender tudo que lhe é passado”. (A.S.M)

**B) “Valor Zero”** - O conectivo é utilizado mais como um adereço, um enfeite, não estabelecendo qualquer relação semântica ou mesmo sintática entre os enunciados.

22) “**Pois** eles partem das partes para o todo, implicam na memorização e repetição e as dificuldades ortográficas são apresentadas aos alunos gradualmente.” (L.S.M.M).

23) “Fazendo com que a criança desenvolva autonomia através da alfabetização, pois ela ao assimilar e entender o B + A é ba ela consegue escrever e ler várias palavras em ba e assim adiante até conhecer as outras famílias silábicas e conhecendo os sons dos fonemas e grafemas se torna alfabetizada e é capaz de ler escrever qualquer palavra”. (L.S.M.M)

Fizemos outro tipo de análise comparando os textos das alunas A.S.M, I.E.L, N.A.C, que apresentaram mais de duas ocorrências do conectivo **Pois**, verificando se são da mesma natureza;

25) “Alguns teóricos entre Emilia Ferreiro discordam de tais métodos, e apostam no trabalho do letramento que na verdade não garante a alfabetização, **pois** letramento é a emersão da criança no mundo da escrita como rótulos, crachás e outros.” (I.E.L).

26) “Só inserir a criança em um mundo letrado sem a mediação da professora não a levará a ser alfabetizada, **pois** alfabetização não é um processo natural como andar, falar é um processo artificial e por isso a importância do professor planejar.” (I.E.L)

27) “O professor deve ser um pesquisador e estar sempre disposto a inovar e aprender **pois** toda teoria ou tendência pedagógica tem sempre pontos positivos a serem observados.” (I.E. L).

28) “Alfabetizar é um compromisso social, político, ético, **pois** para conseguirmos que alguém entenda aquilo que lhe é passado, precisamos de esforço e dedicação, e quem é alfabetizado recebe uma dádiva por entender tudo que lhe foi passado”. (A.S.M)

29) “O professor pode fazer com que a criança passe pela fase logográfica, que seria a leitura através de símbolos, sinais, desenhos, **pois** nessa fase a criança vê letras, números como desenhos, formas, ela tem uma visão global da escrita”... (A.S.M)

**Valor Explicativo**- “quando se encadeia, sobre um primeiro ato de fala, outro ato que justifica ou explica o anterior.”

30) “Tendo em vista que alfabetização é a habilidade de conhecer o código alfabético e as regras que o regem na formação de palavras, frases e textos. Escolho a teoria consciência fonológica segundo Capovilla e Capovilla. **Pois** através dessa teoria posso trabalhar consciência fonológica dentro do método sintético....” (N.A.C)

Os textos das alunas A.S.M e I.E.L tiveram o mesmo valor **Explicação/Justificativa**, porém N.A.C usou o **pois** com valor explicativo, mas sua interpretação pode ser prejudicada uma vez que a aluna introduz uma nova frase com o conectivo, estabelecendo, pela pontuação uma ruptura e não a continuidade com o enunciado anterior.

Outro texto que achamos relevante demonstrar no corpus do trabalho é de M.F.O que apresenta vários conectivos e sua forma de estrutura textual.

M.F.O inicia seu texto usando Gênero Verbete, isto é, começa dando o significado da palavra alfabetização, Ser Alfabetizado e Letramento como estivesse copiado do material estudado. Em seguida dá um espaço e só depois introduz um parágrafo fazendo um relato do que foi trabalhado durante o conteúdo da disciplina. No terceiro parágrafo inicia com o conectivo, **portanto** com valor retórico e faz uso do **porque** adequadamente com valor de **Relação de Causalidade** segundo Koch (2004). No quarto parágrafo faz uso dos conectivos **Ou (Correção/Redefinição)** o **Pois com valor de (Explicação ou justificativa)** e dois usos do conectivo Quando indicando modo. em uso comprometido pela má estruturação do período.

### **Gênero Verbete**

40) *“Alfabetização – É a habilidade de conhecer o código alfabético e as regras que o regem na formação de palavras, frases e texto. É também uma transformação/conversão dos sinais gráficos em unidades sonoras e vice-versa.*

*Ser alfabetizado é compreender o alfabeto com o conjunto de símbolos gráficos.*

*Letramento – é a capacidade de ler e escrever sem decodificar/codificar. É uma leitura ecônica da sociedade letrada.” (M.F.O)*

### **Relato**

41) *“No nosso curso, vimos várias teorias de alfabetização como o de Emília Ferreiro, Miriam Lemle, Magda B. Soares dentre outros. Dentre as matérias do curso, também ficou muito bem fixados foram os métodos de alfabetização como os métodos analíticos e sintéticos....” (M.F.O)*

### **Portanto com valor retórico**

42) *“Portanto, o que mais eficiência demonstrou no processo da alfabetização foi a teoria de Capovilla e Capovill, a qual poderia ser usado, independentemente do tipo de aluno que vai atender, porque dá mais segurança e simplicidade ao professor”. (M.F.O)*

### Vários conectivos analisados somente em um parágrafo

43) *“Segundo Capovilla, sobre a consciência fonológica, a criança aprende por métodos, ler decodificando, **ou seja** pelo som, pela letra e sílaba, isto é muito simples, **pois** a criança estará alfabetizando, **quando** escreve sílaba por sílaba, **quando** o método fônico deve vir acompanhado com o método silábico, isso faz a criança aprenda a trapor as letras.”*  
(M.F.O)

Seu texto demonstra que apesar de ser uma aluna do Curso Universitário possui pouca leitura e ainda se perde com a estrutura do texto como se estivesse no Ensino Fundamental e faz uso de alguns conectivos de forma aleatória.

A aluna A.M.F fez uso do **Portanto** com valor conclusivo .

**“Portanto**, a alfabetização de acordo com Miriam Lemle, é um processo regular com etapas definidas, é gradativa”, e marcado por seqüências dificuldades. Tende a valorizar o processo de codificação e decodificação (lendo e escrevendo). Observa também os aspectos físicos e perceptuais dos grafemas e fonemas”. (A.M.F)

## 5 CONCLUSÃO

O presente estudo parece permitir concluir que ao final da Faculdade, Curso Normal Superior, as alunas continuam escrevendo como faziam suas redações escolares de nível fundamental ou médio. Ao investigarmos o uso dos conectivos em sua função de operadores argumentativos, percebemos através dos dados que o problema não se resume ao uso adequado ou inadequado dos conectores, mas que isso é parte de um problema ainda maior e mais grave: a questão da produção do texto escrito, mais especificamente no contexto, a produção de um texto dissertativo-argumentativo.

Parecem presas à estrutura textual das cartilhas e o que conseguem apresentar o fazem com uso de recursos corriqueiros de linguagem. Estruturas mais complexas que demonstram raciocínio e argumentação igualmente complexos parecem não fazer parte de seu cotidiano acadêmico.

Embora sejam bastante recorrentes no universo pesquisado tais características, não se pode afirmar que as alunas não sabem escrever. De fato, elas escrevem e cumprem a tarefa que lhes foi proposta. Acontece que, em se tratando de uma avaliação de curso, nossa cultura acadêmica espera encontrar textos com estrutura complexa, argumentação refinada e um estilo relativamente arrojado no uso de estratégias textuais, além da demonstração de domínio da variante lingüística de prestígio.

É de se supor que, se a universidade oferecesse mais oportunidades de leitura e produção, dando aos acadêmicos o retorno necessário, eles ganhariam muito na produção textual. Que profissional do Normal superior forma, se as alunas apresentam tais dificuldades no processo de construção textual?

O que se quer dizer é que há uma dificuldade importante a ser superada: transformar alguém que “não sabe ler” em professor de leitura, quem “não sabe escrever” em professor de escrita.

Isto posto, significa que se pensar num trabalho mais efetivo junto aos alunos universitários a fim de que possam ampliar sua gama de estratégias interlocutivas e tornarem-se, de fato, autores de seus textos.

Segundo os PCNS, o trabalho com produção de textos tem como finalidade formar escritores competentes capazes de produzir textos coerentes, coesos e eficazes o que ainda não se verifica no Ensino Superior.

Um escritor competente é alguém que planeja o discurso, que sabe elaborar um resumo ou tomar notas durante uma exposição oral, que sabe esquematizar suas anotações

para estudar um assunto e sabe expressar por escrito seus sentimentos, experiências ou opiniões. Este tipo de escritor é capaz de revisar e reescrever o texto. Parece lamentável ainda não termos esses leitores no meio de nossos alunos do Normal Superior.

O que se coloca como reflexão aqui é a necessidade de uma revisão do trabalho pedagógico no Ensino Superior, para que se possibilite a construção de alunos/professores como leitores competentes e bons escritores, e, conseqüentemente, a formação de professores de leitura e de escrita.

Nesse sentido, nossa pesquisa busca oferecer uma reflexão para novos estudos, no intuito de contribuir para a formação daqueles que irão alfabetizar as crianças na escola; uma tarefa que se impõe a todos aqueles que pensam a educação como um todo. Isso significa qualificar e garantir a qualidade dos cursos superiores no Brasil, sobretudo aqueles voltados à formação do professor. É, portanto, fundamental que os trabalhos acadêmicos rompam os muros das universidades e ganhem as salas-de-professores espalhadas pelo país.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo : Martins Fontes, 1992.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). 3. ed., Brasília, 2001.
- CITELLI, Adilson. **O texto argumentativo**. São Paulo : Scipione, 1994.
- COSTA VAL, M. da Graça. **Redação e textualidade**. São Paulo : Martins Fontes, 1991.
- FÁVERO, L. L. **Coesão e coerência textuais**. 9. ed. São Paulo : Ática, 2004.
- FULGÊNCIO, Lúcia; LIBERATO, Yara G. **Como facilitar a leitura**. São Paulo : Contexto, 1992 (Coleção Repensando a Língua Portuguesa).
- GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. São Paulo : Martins Fontes, 1993.
- \_\_\_\_\_. (Org.). **O texto na sala de aula**. 3. ed. São Paulo : Ática, 2002.
- KOCK, I. V. G. V. O texto: a construção de sentidos. **Organon: Revista do Instituto de Letras da UFRS**, v. 1, n.1, Porto Alegre, Faculdade de Filosofia, 1995.
- \_\_\_\_\_. **A inter-ação pela linguagem**. 9. ed. São Paulo : Cortez, 2004a.
- \_\_\_\_\_. **Argumentação e linguagem**. 9. ed. São Paulo : Cortez, 2004b.
- \_\_\_\_\_. **A coesão textual**. 19. ed. São Paulo : Cortez, 2004c.
- LEAL, Leiva F. V. A formação do produtor de texto escrito na escola: uma análise das relações entre os processos interlocutivos e os processos de ensino. In: VAL, M. G. C.; ROCHA, G. (Orgs.). **Reflexões sobre práticas escolares de produção de texto – o sujeito-autor**. Belo Horizonte : Autêntica/CEALE/FaE/UFMG, 1992, 1999.
- MEIRELES, Silo. Alfabetização reprovada. **Jornal O Estado de Minas**, Belo Horizonte, MG, 08/07/2003.
- MARCUSCHI, L. A. **Linguística do texto: o que é e como se faz**. Recife : UFPE, 1997. (Série Debates).
- RAMOS, J. M. **O espaço da oralidade na sala de aula**. São Paulo : Martins Fontes, 1997.

SAVELI, E. L. Leitura na escola: crenças e práticas de professoras. **Leitura: teoria & Prática/Associação de Leitura do Brasil**, Campinas, SP, v. 21, n. 40, 52-59, mar. 2003.

SMITH, Franck. **Compreendendo a leitura**. Porto Alegre : Artes Médicas, 1989.

## ANEXOS

Curso Normal Superior  
Avaliação Final Alfabetização e Letramento - Valor: 30 pontos

Nome Aluna: A. M. M. A. H

Durante o nosso curso vimos, na Disciplina Alfabetização e Letramento, várias teorias e tendências que explicaram o fenômeno da alfabetização e do letramento. Dentre elas escolha uma e elabore um texto justificando sua escola (tendo em vista a sua definição de alfabetização).  
Boa sorte, ótimas férias. Foi um prazer conviver e aprender com você!

Alfabetização

Antes de tudo, gostaria de ressaltar que o ato de alfabetizar não é tarefa fácil, é algo que exige muito, acima de tudo, amor.

Os longos estudos me fizeram refletir sobre vários autores, em- de toda sua diversidade existem métodos e pesquisas para se alfabetizar. Dentre eles que foi escolhido o método de acúfeto ou, ao meu ver que usamos os métodos silábicos é mais fácil obter resultados no processo de alfabetização. Talvez por já ter experiência em alfabetizar e por observar seus resultados.

O método silábico propõe um trabalho baseado numa palavra chave apenas como ponto para a subdivisão da sílaba. Depois das sílabas im- misturadas, os alunos aprendem a juntá-las formando palavras.

Este método apresenta algumas vantagens, tais como: o aluno a- prende rapidamente, é de fácil aplicação e dá segurança ao profes- sor e as dificuldades encontradas são apresentadas gradualmente, mas como todo método apresenta também falhas, como: a memorização e repetição baseadas na repetição com o método, mesmo valen- do das falhas, ainda acredito que é o melhor.

Não posso deixar de citar também, que todas teorias existentes possuem pontos positivos e negativos e que mesmo aquele que não dá resultados serve para ser criticado, visando possíveis caminhos para melhorar.

Por fim, alfabetizar exige ter consciência de um caminho a seguir, o que importa é buscar o que é bom para quem aprende que se quer alfabetizar.

Curso Normal Superior  
Avaliação Final Alfabetização e Letramento - Valor: 30 pontos

Nome Aluna: M. K. C.

Durante o nosso curso vimos, na Disciplina Alfabetização e Letramento, várias teorias e tendências que explicaram o fenômeno da alfabetização e do letramento. Dentre elas escolha uma e elabore um texto justificando sua escola (tendo em vista a sua definição de alfabetização).

Boa sorte. ótimas férias. Foi um prazer conviver e aprender com você!

## Alfabetização

Alfabetizado, é ser capaz de compreender o alfabeto como um conjunto de símbolos gráficos, assim como as regras que o regem. Mas como chegamos a isso?

Diante de tudo que já estudado, percebemos que há várias linhas que tentam alfabetizar o sujeito. Desde que a mulher delas <sup>atras</sup> e das mítiadas, que são divididos em: a) Analíticas ou globais, que partem da análise do todo (texto, frase ou palavra) para as partes (som, letra ou sílaba) e estão subdivididos em: texto, sentença e palavração;

b) Sintéticos, que começam das partes (som, letra ou sílaba) para o todo (palavra, frase e texto) e estão subdivididos em: alfabéticos, silábicos e fônicos.

O método sintético silábico que, pode juntamente <sup>per trabalho</sup> com a consciência fonológica, levar o sujeito a entender as partes e transpô-la. Isto é o sujeito aprende a perceber os sons e se be comê-los em letras, e a manipular e organizar as segmentações das unidades que compõem as palavras, com isso será capaz de formar palavras, frases e textos, possibilitando maior autonomia ao aluno aprendiz.

Durante o processo de aquisição da leitura e da escrita a criança <sup>aprende</sup> <sup>aproveita</sup> o sujeito inicia-se com:

1. fase logográfica ou icônica: o sujeito realiza a leitura de forma global (prática social da leitura), e sua escrita é alfabética;
2. fase fonológica ou alfabética: o sujeito utiliza sua memória audi

tira e a visual, porque decodificam sílabas por sílabas para entender a palavra;

3 - fase lexical ou ortográfica: usa a memória visual, a pessoa faz o reconhecimento visual direto, isto é, identifica as palavras por conhecer suas partes, já as tem memorizado.

De acordo com isso acredito que com a união dos dois o sujeito conheceria o código alfabético, suas regras, tornando-se um leitor capaz de interpretar e produzir textos.

Curso Normal Superior  
Avaliação Final Alfabetização e Letramento - Valor: 30 pontos

Nome Aluna: R. T. C.

Durante o nosso curso vimos, na Disciplina Alfabetização e Letramento, várias teorias e tendências que explicam o fenômeno da alfabetização e do letramento. Dentre elas escolha uma e elabore um texto justificando sua escola (tendo em vista a sua definição de alfabetização).  
Boa sorte, ótimas férias. Foi um prazer conviver e aprender com você!

Segundo Capovilla & Capovilla,

alfabetização é a aquisição da leitura/escrita e esta deve passar por:

A fase que a criança mais utiliza os falsetos e não reconhece sons, a visualização é global, "le" sem saber, deito da palavra como se fosse desenho, a escrita é aleatória.

A fase alfabética / fonológica (código) é a fase que usa a memória visual e auditiva decodificar sílabas por sílaba.

A fase ortográfica a criança usa mais a memória visual.

A fase final é a leitura, é deito sem decodificação em função da ativação da memória visual e auditiva.

Ex: A percepção visual capaz de "extrair" que uma palavra é formada por vários sons consecutivos em letras. Esses sons se repetem nos padrões de sílabas regulares.

conato, o mesmo CA serve para escrever conato, parato. É fundamental para que a criança aprenda sem ter de decorar palavras.

justificando: Em certo <sup>que</sup> ~~o~~ <sup>a fase</sup> ~~o~~ <sup>o</sup> início de Capovilla é muito importante na aprendizagem da criança, pois a aquisição da linguagem

escrita e funcionalidade, o sujeito compreende  
que a escrita mapeia a fala, devido  
matricialidade gráfica aos seus enunciados,  
des, que a fala é composta de inúmeras  
partículas fonêmicas, que há uma relação  
clivada entre fonemas e grafemas nos  
sílabos regulares e uma relação unívoca  
nos sílabos irregulares.

Professora, dei o máximo de mim.

preciso de 15 pontos

espero conseguir

Obrigado

Desejo a você

ótimas férias

Curso Normal Superior

Avaliação Final Alfabetização e Letramento - Valor: 30 pontos

S. A. A

Nome Aluna:

Durante o nosso curso vimos, na Disciplina Alfabetização e Letramento, várias teorias e tendências que explicaram o fenômeno da alfabetização e do letramento. Dentre elas escolha uma e elabore um texto justificando sua escolha (tendo em vista a sua definição de alfabetização).  
Boa sorte, ótimas férias. Foi um prazer conviver e aprender com você!

A alfabetização é ~~o~~ desenvolvimento do ~~um~~ processo que depende de preparações, além de estimulação de vários aspectos como visual, espaço, percepção, auditiva e Trino articulatório.

Apesar de muitos estudiosos defenderem o método como êxito da aprendizagem não significa que é o caminho para o sucesso de ensino, pois o desenvolvimento da alfabetização não se concretizam em um método, mas na massividade da criança dominar certas habilidades e meios. Para isso precisa mes através deles buscar um resultado, atingir objetivos e a sua, tê-los apenas como método a ser atingido. Muitos simli confirmam quando diz que a alfabetização é o resultado não de um método mas de todos eles elencados em um único objetivo: ensinar. Para ela a aprendizagem é dividida em etapas: primeira é a capacidade de compreender a ligação simbólica entre letras e sons da fala. Segunda é a capacidade de inserir as distinções entre as letras. Terceira é a capacidade de ouvir e ter consciência dos sons da fala, com suas distinções relevam ter na língua. Quarta é a consciência da unidade palavra. Quinta é a organização da página escrita.

Depois de vencer essas etapas, temos alunos prontos e dispostos de aprender a ler e a escrever. Sendo que concordo com miriam simli quando diz "as primeiras etapas é um processo artificial. É preciso procurar melhor caminhos para se chegar ao objetivo principal: Ensinar e Aprender."

Curso Normal Superior  
Avaliação Final Alfabetização e Letramento - Valor: 30 pontos

P. R. A. F.

Nome Aluna: \_\_\_\_\_

Durante o nosso curso vimos, na Disciplina Alfabetização e Letramento, várias teorias e tendências que explicaram o fenômeno da alfabetização e do letramento. Dentre elas escolha uma e elabore um texto justificando sua escola (tendo em vista a sua definição de alfabetização).  
Boa sorte, ótimas férias. Foi um prazer conviver e aprender com você!

### Alfabetização

Quando a criança inicia a alfabetização e mais tem contato com a escrita ela não sabe que as letras são parecidas com o som?

A criança que tem entendimento dos sons, palavras e frases tem mais facilidade para entender a ler do que aquelas que não tem.

Para ler e escrever a criança precisa compreender para o que se usam as letras, os grafemas.

Podemos <sup>isso</sup> começar pela ideia de símbolos, trabalhar com a ~~escrita~~ letras

OMO

começa perguntando quantas sílabas tem a palavra, a primeira sí, como se escreve, trabalhar por pedacos, pedir para escrever palavras que começam com O, P, M, S, também pedir as crianças que tragam de casa contas de água, para trabalhar, pedir para eles que contem o número de sílabas, e mostrar forma das letras, ler, reconhecer o grafema.

perguntar quantas letras tem na palavra e seu número de sílabas.

Alfabetizar é importante não as crianças entenderem e compreenderem o alfabeto tem um conjunto de símbolos, grafemas com um nome as regras que o regem.

Curso Normal Superior  
Avaliação Final Alfabetização e Letramento - Valor: 30 pontos

Nome Aluna: N. A. S. P.

Durante o nosso curso vimos, na Disciplina Alfabetização e Letramento, várias teorias e tendências que explicaram o fenômeno da alfabetização e do letramento. Dentre elas escolha uma e elabore um texto justificando sua escolha (tendo em vista a sua definição de alfabetização).  
Boa sorte, ótimas férias. Foi um prazer conviver e aprender com você!

Entendo que a alfabetização é a habilidade de reconhecer o código alfabético e as regras que o regem na formação de palavras, frases e textos, de acordo com tal definição acredito que a melhor maneira para alfabetizar a criança seria através dos métodos tradicionais de alfabetização, tradicionais não por ser velho mas usual, que são des: métodos sintéticos e analíticos, ficaria com o método sintético que implica a memorização e repetição, não valoriza o aspecto significativo da leitura de início, onde o aluno aprende mais rápido e as dificuldades ortográficas são apresentadas ao aluno gradualmente. Dentro do método sintético ficaria com o alfabético, partindo estas das letras para a formação de (palavras) sílabas, palavras, frases e textos, achando assim que este seria de mais compreensão para os alunos.

Faria meu trabalho a partir de rótulos. Pediria aos alunos que trouxessem de casa vários tipos de rótulos, montando assim o varal de rótulos, iniciando com as vogais e depois o alfabeto completo, depois os alunos iam preencher outros rótulos com as letras do varal, depois eles iam preencher rótulos com a letra de seu nome (trabalhando assim o nome da criança e as letras do alfabeto e a partir daí as sí-

... e assim os alunos passaram a escrever as palavras formando assim novas palavras. Os alunos formavam frases a partir das palavras, como por exemplo uma propaganda do rótulo (estaria assim trabalhando a realidade, rimas). Na formação de textos usava recitas utilizando os rótulos. Trabalhava as dificuldades ortográficas gradualmente.

Trabalhando assim acho que faria um trabalho em cima da realidade das crianças e de uma maneira descontraída, a partir de jogos, brincadeiras e músicas.

Curso Normal Superior  
Avaliação Final Alfabetização e Letramento - Valor: 30 pontos

Nome Aluna: N. A. C.

Durante o nosso curso vimos, na Disciplina Alfabetização e Letramento, várias teorias e tendências que explicaram o fenômeno da alfabetização e do letramento. Dentre elas escolha uma e elabore um texto justificando sua escolha (tendo em vista a sua definição de alfabetização).  
Boa sorte, ótimas férias. Foi um prazer conviver e aprender com você!

Tendo em vista que alfabetização é a habilidade de construir o código alfabético e as regras que o regem na formação de palavras, frases e textos escolho a teoria consciência fonológica segundo Loporilla e Loporilla. Por através dessa teoria posso trabalhar consciência fonológica dentro de métodos sintéticos, mas usando o som para enfatizar as sílabas e que considero que a criança terá mais facilidade em sua alfabetização evitando os problemas que temos encontrados nas escolas. Uma vez que consciência fonológica é a capacidade mental para a percepção que uma palavra é formada por vários sons convertidos em letras e que esses sons se repetem nas palavras de sílabas regulares. Ex.: CAVALO, MACA. Isto é fundamental para a aprendizagem da criança, pois assim ela não terá que decorar, ela saberá que a segmentação por exemplo a sílaba CA pode estar em várias palavras e terá o mesmo som, isto é, será invariante independente da posição em que esteja.

Essa teoria nos dá portanto uma visão mais completa da aquisição da leitura/escrita pelo sujeito bem como os fatos, o que facilita entender o processo da alfabetização através da consciência fonológica.

Dentre da primeira fase logográfica a leitura será realizada de forma global, sem perceber as letras, as sílabas a ordem das letras não importa para a criança. A criança trata a palavra como desenho.

A segunda fase alfabética/fonológica já usa a memória auditiva, porque precisa estar discriminando sílaba por sílaba.

É a terceira fase ortográfica essencialmente visual deste país fará uma leitura direta sem necessariamente conversão de formas em grafemas, apenas reconhecer as partes.

Portanto passando por essas fases o sujeito terá adquirido as habilidades necessárias a leitura e escrita e automaticamente estará alfabetizado.

Curso Normal Superior  
Avaliação Final Alfabetização e Letramento - Valor: 30 pontos

Nome Aluna: M. R. S.

Durante o nosso curso vimos, na Disciplina Alfabetização e Letramento, várias teorias e tendências que explicaram o fenômeno da alfabetização e do letramento. Dentre elas escolha uma e elabore um texto justificando sua escolha (tendo em vista a sua definição de alfabetização).

Boa sorte, ótimas férias. Foi um prazer conviver e aprender com você!

Alfabetização é as habilidades de ler e escrever, e a compreensão dos sinais gráficos em unidades sonoras e visuais.

Portanto, para que as crianças tenham habilidades ela precisa de métodos, e dentro desses métodos temos sintéticos e analíticos. O método sintético tem como característica as partes para um todo, isto é, da síntese para a análise; implicam memorização e repetição; não valorizam o aspecto significativo da leitura, de início; o aluno aprende rapidamente, há de fácil aplicação e dele seguem as professoras e as dificuldades ortográficas são superadas ao aluno gradualmente.

Já o método analítico, tem como características: Partem de um todo para chegar, por meio de diferentes etapas, as partes que compõem; a análise do todo precede a análise das partes; a síntese; as atividades artísticas costumam ser muito utilizadas; exige grande esforço de visualização e memorização; é gradual; valoriza a significação da palavra; exige muita técnica, e a aprendizagem se faz de maneira mais lenta.

Por tudo isso o método silábico é de grande utilização para o professor. Neste método se começa respectando duas exigências básicas a quantidade de letras e a ordem delas. Cada grafia corresponde a uma sílaba pronunciada usando letras do tipo de grafia.

Por isso a criança quando silábica possui como característica a não percepção de que toda palavra escrita é um modo amovível de símbolos gráficos que representam fonemas.

Curso Normal Superior  
Avaliação Final Alfabetização e Letramento - Valor: 30 pontos

Nome Aluna: M. A. A.

Durante o nosso curso vimos, na Disciplina Alfabetização e Letramento, várias teorias e tendências que explicaram o fenômeno da alfabetização e do letramento. Dentre elas escolha uma e elabore um texto justificando sua escolha (tendo em vista a sua definição de alfabetização).  
Boa sorte, ótimas férias. Foi um prazer conviver e aprender com você!

A alfabetização é a habilidade de conhecer o código alfabético e as regras que o regem na formação de palavras, frases e texto. Pressupõe o entendimento do alfabético e é a transformação (conversão dos sinais gráficos em unidades sonoras e vice-versa) e utiliza estratégias de leitura por distraza (nota fonológica e lexical). Porque a leitura é específica do ser humano, e não é uma capacidade inata, ler é uma atividade complexa e requer um ensino metódico e organizado. O código alfabético é normativo, arbitrário e possui caráter de gratuitidade para haver comunicação.

Dentre os métodos de alfabetização temos o método fônico que possui algumas características:

- Apresenta o fonema junto com o morfema.
- Apresenta um fonema / morfema de cada vez.
- Utiliza estímulos sensoriais (órgãos dos sentidos).
- Utiliza recursos lúdicos.
- Trabalha a consciência fonológica, consciência de palavras e segmentação de frases.
- É graduado do simples para o complexo.
- Material do professor muito completo.
- Simplicidade do material a ser confeccionado.

Segundo Capovilla & Capovilla para que haja a aquisição da leitura e escrita ela ocorre e passa por 3 rias:

**Logográfica:** (global, literalmente, desenhos, iconica) não há conversão das partes da palavra e não há reconhecimento das partes.

**Fonológica:** (alfabética) leitura decodificada sem compreensão do texto. Conversão de grafemas em fonemas e vice-versa.

**Lexical:** (fase ortográfica) leitura decodificada com compreensão do texto, reconhecimento visual direto sem conversão de fonemas em grafemas, apenas de ler reconhecer as partes, embora não necessite executar a tarefa de conversão grafema / fonema para ler e escrever.

Depois da aquisição dessas rias a leitura dá-se de forma direta sem decodificação em função da atuação da memória visual e auditiva.

Acrescente que o misticismo fônico trabalha a consciência fonológica, que é a percepção mental que capacita entender que uma palavra é formada por vários sons conectados em letras, por exemplo o mesmo CA de cavalo serve para escrever pacato e canuais, não havendo necessidade de decorar palavras o mais fácil para a aquisição da aprendizagem. Além disso o trabalho com sons é uma capacidade que o ser humano possui desde os primeiros anos de vida. Há materialidade gráfica aos sons enunciados, facilitando a aprendizagem do educando e a aquisição das habilidades de ler e escrever.

Curso Normal Superior  
Avaliação Final Alfabetização e Letramento - Valor: 30 pontos

Nome Aluna: M. F. O.

Durante o nosso curso vimos, na Disciplina Alfabetização e Letramento, várias teorias e tendências que explicaram o fenômeno da alfabetização e do letramento. Dentre elas escolha uma e elabore um texto justificando sua escolha (tendo em vista a sua definição de alfabetização).

Boa sorte, ótimas férias. Foi um prazer conviver e aprender com você!

Alfabetização → É a habilidade de ler e escrever o código alfabético e as regras que o regem na formação de palavras, frases e textos. É também uma transformação/conversão dos sinais gráficos em unidades sonoras e vice-versa.  
Ser alfabetizado é compreender o alfabético com o conjunto de símbolos gráficos.

Letramento → é a capacidade de ler e escrever sem decifrar/codificar. É uma leitura ícone da sociedade letrada.

No nosso curso, vimos várias teorias de alfabetização como a de Emília Ferreiro, Miriam Leite, Magda B. Soares, dentre outros. Dentre as matérias do curso, também ficou muito bem fixados foram os métodos de alfabetização como os métodos analíticos e sintéticos.

Portanto, o que mais experiência demonstrou no processo da alfabetização foi a teoria de Capovilla e Capovilla, a qual →

poderia ser usado, independente do tipo de aluno que vai atender, porque dá mais segurança e simplicidade ao professor.

Segundo Capovilla, sobre a consciência fonológica, a criança aprende por métodos, ler decodificando, ou seja pelo som, pela letra e sílaba, isto é muito simples, pois a criança estará alfabetizando, quando escreve sílaba por sílaba, qde o método fônico deve vir acompanhado com o método silábico, isso faz a criança aprender a transpor as letras.

sobre as Repreñências técnicas todos concordam nas fase na "aquisição da leitura/escrita. Fase logográfica que é a codificação de símbolos, a criança trata a palavra com um desenho, lê de forma global e a escrita é alfabética. Isso ocorre na fase pré-silábica.

Fase fonológica ou alfabética, é a fase que a criança usa a memória auditiva e visual, decodifica sílaba por sílaba para entender a palavra.

Fase ortográfica a criança utiliza mais a memória visual.

Essa teoria faz a diferença, tanto melhor pro aluno quanto ao professor, que no final, todos com o mesmo objetivo que é a alfabetização.

Curso Normal Superior  
Avaliação Final Alfabetização e Letramento - Valor: 30 pontos

Nome Aluna: D. A. A.

Durante o nosso curso vimos, na Disciplina Alfabetização e Letramento, várias teorias e tendências que explicaram o fenômeno da alfabetização e do letramento. Dentre elas escolha uma e elabore um texto justificando sua escola (tendo em vista a sua definição de alfabetização).  
Boa sorte, ótimas férias. Foi um prazer conviver e aprender com você!

Diante da necessidade que todos nós seres humanos temos de compreender a leitura e a escrita, a Alfabetização será um grande salto para a compreensão desta mundo mágico, que será codificar o código alfabético e os regras que o regem na formação de palavras, frases, textos.

Alfabetizar é construir um sistema gráfico ao qual se pode combinar letras de diferentes modos, produzindo palavras, sentenças ou parágrafos. Este sistema é composto por estruturas de relações morfológicas que permitem construir um rede simbólica, socialmente compartilhável através de um jogo de correspondência e transformação no nível do seu significante e significado.

Minha amiga, fez algumas reflexões e propõe comitês que buscam auxiliar o alfabetizador. Em seu estudos relata alguns conhecimentos básicos para a leitura e para a escrita, que na minha opinião irá reforçar e enriquecer o trabalho do alfabetizador, não como um pré-requisito, um preparo sistemático e anterior ao processo de alfabetização, mas como comitês de organização e sistematização.

1º Jôia de Símbolo - será essencial porque a língua escrita é uma representação simbólica. A criança que

mas compreende e que seja uma relação simbólica entre dois objetos não conseguirá aprender a ler.

3ª) Discriminação das formas das letras - é necessário e deve ocorrer, explorando as formas, a lateralidade, a relação espacial.

3ª) Conscientização da percepção auditiva - a criança tem que adquirir o valor sonoro das letras e distinguir linguisticamente as diferenças, para escolher a letra certa para simbolizar cada som.

4ª) Captar o conceito de palavra - Quem vai aprender a escrever deve saber isolar, na corrente da fala, as unidades que são palavras, pois essas é que deverão ser escritas entre dois espaços brancos.

5ª) Direção da própria escrita - para o aprendiz é importante compreender que, em nosso sistema de escrita, escreve-se da direita para a esquerda e de cima para baixo. Serão através deste conhecimento que a criança fará os movimentos de olhos necessários à leitura.

Bem, no estudo destacado verificamos e relatamos muitos pontos positivos e alguns negativos, mas o importante na alfabetização é estar desenvolvendo métodos com alternativas diversificadas, interessantes que motivem o aluno a estar compreendendo os processos de alfabetização, dentre eles podemos destacar o uso dos rótulos, dos jogos e das histórias. Enfim Alfabetizar é permitir a construção de léxico, do concreto, através de estímulos constantes do professor.

Curso Normal Superior  
Avaliação Final Alfabetização e Letramento - Valor: 30 pontos

Nome Aluna: C. L. O. S.

Durante o nosso curso vimos, na Disciplina Alfabetização e Letramento, várias teorias e tendências que explicaram o fenômeno da alfabetização e do letramento. Dentre elas escolha uma e elabore um texto justificando sua escola (tendo em vista a sua definição de alfabetização).

Boa sorte, ótimas férias. Foi um prazer conviver e aprender com você!

A criança alfabetizada por métodos tradicionais, costuma apresentar uma linguagem "pobre" para produzir textos. Então, diversos são a da, principalmente a partir da fase 1, muitas produções e reproduções de textos. Produzir diversos textos: avisos, cartas, bilhetes, vóci e o relatório, mensagens, poesias, relatos, propagandas, convites, jornal com suas próprias notícias, diário/relato de estórias, piadas, esboço ou balcãozinho, o registro de fatos e situações vividas, o registro de visitas, passeios, excursões e comemorações, o registro de fatos ocorridos, crônicas; o registro de/ sobre pessoas do cotidiano, o registro sobre o que a criança pensa sobre temas polêmicos: sexualidade, uso de drogas, trabalho infantil, gravidez precoce, separação dos pais, normas da escola, estudos, religião (Deus); o registro da constituição de cada criança. Este é o mais importante.

I. Ideia de letras. (Inquirir sobre partes) como? (Apresentação - letras)

- 1) Forma das letras - Pré silábica - antes de estar regularmente alfabetizada. A criança pré silábica tende a "inventar" utilizando para tal todos os símbolos de que ela dispõe. Isto, porque ela ainda não abstraiu a ideia da convencionalidade do sistema de escrita.
- 2) - Discriminação visual: utilizando a própria sala-de-aula, com desenhos, o espaço da escola, jogos: seta, lateralidade, binocularidade de objetos vividos, observar: formas, tamanhos, posições (atrás, frente, lado, esquerda, direita, diagonais), similitudes, e utilizando peças de queijos na mesma forma, sequência de objetos / ou desenhos de lápis, giz etc. quando se começar a escrever em letra.
- 3) Símbolos gráficos: ideia de mensagem: a criança tem de se associar a um desenho a algum conteúdo comunicativo. É importantíssimo que a professora trabalhe com muitos símbolos na educação infantil. Além, o próprio nome

- da manipulação e da memória e da compreensão para a leitura.
3. Botões / crachás / etiquetas / búlbos / Contas de água / cédulas de dinheiro para: ler um saber ler, contar os de letras, observar forma das letras, ler / sonorizar o grafema. Atividades de discriminação entre letra e no.
- A 14, 3 e E, 5 e S, 1 e L e ed, 9 e P, E, com objetivos de ajudar a explorar este material como achar palavras: recorte, colagem, desenho, cópia, ar. escrita, atividades físicas, músicas, "Exercício inocente", alfabeto móvel, jogo de adivinhação e nomes das letras, jogo, falta letras e nomes, bôlide e letras, listar alunos em ordem alfabética, "Descubra o nome: CASLU", listas palavras que começam e a letra...
4. jogo: kiilha, quebra, cabeça, bicho, jogo de memória, dados charadinhaz  
Carta migmática, escrita utilizando símbolos e letras. Ex: \*A, O-E,  
X=1, \*O, O=e, v=b, O.L

Curso Normal Superior  
Avaliação Final Alfabetização e Letramento - Valor: 30 pontos

Nome Aluna: B. A. S. D.

Durante o nosso curso vimos, na Disciplina Alfabetização e Letramento, várias teorias e tendências que explicaram o fenômeno da alfabetização e do letramento. Dentre elas escolha uma e elabore um texto justificando sua escola (tendo em vista a sua definição de alfabetização).

Boa sorte, ótimas férias. Foi um prazer conviver e aprender com você!

Um método de alfabetização não são a melhor coisa do mundo. Mas não há nada melhor para alfabetizar um grupo de pessoas, do que usar o método de alfabetização. Eu uso o método fônico que - mais eficaz, por ser algo que já conhecemos, pois utilizamos nessa fala com aproximadamente 1 ano - além de não usar o que já faziamos.

O método dá maior importância ao aprendizado da correspondência entre letras e sons e o seu uso na leitura e redação.

Para o acontecimento e controle por crianças dos diferentes sons que formam as palavras.

Seu objetivo é ajudar as crianças a compreender a relação entre letras e sons que formam correspondência entre letras e sons e o padrão de redação melhorando sua interpretação e representação gráfica escrita.

O objetivo da escola é ensinar como a língua funciona e sua fossilização. É isso que se ensina como a língua funciona e sua escrita isto é ensinar como as letras, suas variações e combinações. O método fônico não ignora os diferentes valores sonoros dados a cada sílaba alfabética. Quando se possibilita a interação da criança com diferentes sons, isso - as a individualiza os sons e domina os.

Foi dessa forma que melhoraria na leitura, uma educação do código. Fazer isso é necessário que as crianças aprendam a ler e a escrever as palavras - maliquem como uma leitura em voz alta quietada, música, paradas, ritmos, jogos, mostrando a aplicação de sons e sua interação a compreensão do que é lido, é importante que esse conhecimento seja construído dia a dia, motivando o aluno em seu processo cognitivo.

Curso Normal Superior  
Avaliação Final Alfabetização e Letramento - Valor: 30 pontos

Nome Aluna: B. A. A.

Durante o nosso curso vimos, na Disciplina Alfabetização e Letramento, várias teorias e tendências que explicaram o fenômeno da alfabetização e do letramento. Dentre elas escolha uma e elabore um texto justificando sua escola (tendo em vista a sua definição de alfabetização).  
Boa sorte, ótimas férias. Foi um prazer conviver e aprender com você!

Alfabetização é a compreensão do alfabeto, através de formação de palavras, frases, textos. É saber escrever e ler essas palavras. Através da alfabetização o indivíduo passa a ler e interpretar o mundo, porque passa a conhecer, entender o mundo através da leitura e escrita.

Existem dois <sup>tipos</sup> métodos de alfabetização: o sintético e o Analítico. Dentre os sintéticos temos três tipos: o alfabético, (parte das letras do alfabeto), o silábico (parte de sílabas), e o fonético (parte dos sons). As vantagens dos métodos sintéticos são: o aluno aprende rapidamente, não de fácil aplicação e dá segurança ao professor. E as desvantagens: não valorizam o aspecto significativo da leitura, de início. Dentre os métodos Analíticos temos: Palavração (parte de palavras selecionadas), Sequenciação (parte de uma frase selecionada pela turma), Método de História (ampliação do método de sequenciação, digere frases através da frase, forma uma história), Natural (parte de um pré-livro que contém registros de conversas de classe). As vantagens: as atividades artísticas e de livre escolha costumam ser muito utilizadas, valoriza a significação da palavra, seu conteúdo ideológico. Desvantagem: exige grande espaço de visualização e memorização, a aprendizagem se faz de maneira mais lenta.

O professor <sup>deve</sup> alfabetizar usando algum desses métodos. Para mim o método silábico é a forma mais ~~apta~~ <sup>eficaz</sup> de se

alfabetizar, porque ~~essas~~ <sup>pede</sup> através dele o aluno aprende mais rápido. Ele se dá através de <sup>pede</sup> sílabas. O professor parte de famílias silábicas, até a formação de palavras, textos. Trabalha por exemplo a família de B (BA-BE-BI-BO-BU-BÃO). Depois de bem fixada a letra com cada vogal, o professor <sup>pede</sup> então forma palavras iniciadas com B. Ex. BOLA, BONECA, BABA, etc. Depois introduz estas palavras em textos, sempre jogando a letra B. Faz-se leitura e cópia desse texto. É dada várias atividades, trabalhando as sílabas estudadas. A professora mostrará em frente, para outra família silábica assim que seus alunos compreenderem, aprenderem as sílabas trabalhadas. Mas seja qual for o método utilizado pelo professor, o que se deve ter em mente é a preocupação de se fazer um bom trabalho,

Curso Normal Superior.  
Avaliação Final Alfabetização e Letramento - Valor: 30 pontos

Nome Aluna: L. M.

Durante o nosso curso vimos, na Disciplina Alfabetização e Letramento, várias teorias e tendências que explicaram o fenômeno da alfabetização e do letramento. Diante delas escolha uma e elabore um texto justificando sua escolha (tendo em vista a sua definição de alfabetização).  
Boa sorte, ótimas férias. Foi um prazer conviver e aprender com você!

Alfabetização parece tão fácil de nos ensinar, mas tão difícil de nos compreender e executar.

Alfabetização ou seja, decifrar e codificar (ler e escrever) é prioridade da educação, mas na verdade a prática é bem diferente, as escolas focam de verbos, a educação merece investimentos, para entender melhor, é preciso que saibamos que hoje a forma de ensinar é variada e precisa ser divertida, principalmente na educação infantil. Para isso é necessário a escolha de um método eficaz e eficiente, que no decorrer do ano pode ser substituído por outros para melhor aproveitamento da classe:

FANTIA

• Língua oral → associar com a criança ver, é feita para beber ou comer, é medida em litros ou quilo, é bebida alélica ou não.

• Pontuação de palavra que envolvam a família silábica em sentido: ①

→ TATU } Família de Avô  
TA, TE, TI, TO, TU  
O TATU É BOMBO

→ TA TE } Família de Palavras  
TAMARCO TETO  
TATU TEIA

→ Dizer que a sílaba mostra onde ela, consegue encontrar a sílaba TA da palavra FANTA

OBS - crachá, nomes de colegas

• eles não falam e a professora deve escrever no quadro, para mostrar e fixar os palavrões que eles falarem.

→ Recursos importantes - jogo, jogo de dado, jogo, casa-palavras

→ Fixar bastante o grupo a ser trabalhado, onde está a sílaba na palavra.

→ Leteado

→ Ler a família silábica em estudo

→ Construção de palavras, fazer lista de compras, nomes de pessoas.

→ Atividades fluídas - leitura, ditado

→ Depois de cinco ou seis famílias silábicas estudadas, pode começar a trabalhar a construção de texto.

Na verdade, não basta só isso, é necessário amor, principalmente dos professores que atuam neste setor, pois se não houver dedicação, afeto, carinho e respeito por aquilo que faz seus alunos não conseguiram evoluir como deveriam, eles vêem o professor como um espelho, admiram, copiam roupas, objetos, o modo de falar e escrever. Não sabem de amá-lo, se até ele for agradável. Ser professor, na íntegra, não poderia ser chamado profissão, pois profissão é algo que você aprende e passa para aqueles que querem aprender, ou exerce em função de algo ser professor vai além, é amar quando o dispor-se bem, entende quando tudo parece perdido, é ser "professor" na arte de ensinar a esta criança, ser ocasião para formar um cidadão.

Curso Normal Superior  
Avaliação Final Alfabetização e Letramento - Valor: 30 pontos

Nome Aluna: L. A. F. P.

Durante o nosso curso vimos, na Disciplina Alfabetização e Letramento, várias teorias e tendências que explicaram o fenômeno da alfabetização e do letramento. Dentre elas escolha uma e elabore um texto justificando sua escola (tendo em vista a sua definição de alfabetização).  
Boa sorte, ótimas férias. Foi um prazer conviver e aprender com você!

De acordo que aprendemos, Alfabetização é a habilidade de conhecer o código alfabético e as regras que reagem na formação de palavras, frases e textos.

Existem dois tipos de métodos sintéticos e os analíticos. Os sintéticos há vários processos. O processo fônico, o alfabético e o silábico que se baseiam num mesmo pressuposto: O de que a compreensão do sistema da escrita se faz sintetizando/juntando unidades menores, que são analisadas para estabelecer relação entre fala e sua representação escrita. Dependendo do método, estas unidades de análise podem ser escolhidas entre letras, fonemas ou sílabas, para, depois, formar o todo.

Diante da realidade vivenciada, ~~escrita~~ o processo silábico ~~é~~ de fácil aprendizagem, da segurança ao professor e as dificuldades ortográficas são apresentadas ao aluno gradualmente.

O processo silábico usa uma palavra chave apenas como fonte para a seleção da sílaba. Depois das sílabas memorizadas, o aluno aprende a juntá-las formando novas palavras. Embora tenha algumas desvantagens, a leitura não é valorizada como um aspecto significativo, de início. Tem pouca ênfase no sentido do texto e no uso social da escrita.

Curso Normal Superior  
Avaliação Final Alfabetização e Letramento - Valor: 30 pontos

Nome Aluna: I. E. R.

Durante o nosso curso vimos, na Disciplina Alfabetização e Letramento, várias teorias e tendências que explicaram o fenômeno da alfabetização e do letramento. Dentre elas escolha uma e elabore um texto justificando sua escolha (tendo em vista a sua definição de alfabetização).  
Boa sorte, ótimas férias. Foi um prazer conviver e aprender com você!

Alfabetizar é poder a criança a entender os códigos  
alfabéticos e as regras que o compõem

A criança, <sup>segundo Oppolzer (2001)</sup> passa por fases ao iniciar o processo de alfabetização, a primeira é a fase fonográfica, onde ela trata a palavra como um desenho, a segunda é a fase alfabética, onde ela usa a memória auditiva e visual e passa a decodificar, e a terceira fase é a ortográfica, onde ela usa o visual e passa a entender e trabalhar as regras.

As crianças não trabalham a alfabetização por si mesmas partindo de uma auto-avaliação em que a criança se encontra e a partir de seus conhecimentos optar por um método de alfabetização, seja alfabético, sílabico, alfabético ou fonético. Alguns teóricos dentre Emilia Ferrero discordam de tais métodos, e apostam no trabalho do letramento que na verdade não garante a alfabetização, pois letramento é a inserção da criança no mundo da escrita como cidadão, ou seja, e outros. Letramento é um fenômeno resultante da sociedade capitalista. Só começa a criança em um mundo letrado sem a mediação da professora mãe a ler e ser alfabetizada, pois

algos de trabalho e de estudo e de matérias, como andar ou falar é um processo automático e por isso a importância de planejar um trabalho sério, comprometido que leve a criança a entender essas coisas que no início são como de sonhos.

Demita os demais conhecimentos técnicos em como dar o método silábico o mais próximo como a necessidade do aluno que terá um resultado mais rápido por trabalhada com a sílaba fonológica, onde o trabalho do som das sílabas regulares leva a criança a compreender que a mesma sílaba /PA/ de PATO é a mesma em /PA/ de PANELA. A criança tem uma visão global das palavras e a compreensão fonológica permite que ela decodifique as palavras.

O professor deve ser um pesquisador e estar sempre disposto a aprender pois toda teoria ou tendência pedagógica tem sempre pontos positivos a serem observados.

Curso Normal Superior  
Avaliação Final Alfabetização e Letramento - Valor: 30 pontos

Nome Aluna: L. S. M. M.

Durante o nosso curso vimos, na Disciplina Alfabetização e Letramento, várias teorias e tendências que explicaram o fenômeno da alfabetização e do letramento. Dentre elas escolha uma e elabore um texto justificando sua escolha (tendo em vista a sua definição de alfabetização).  
Boa sorte, ótimas férias. Foi um prazer conviver e aprender com você!

## Alfabetização

Alfabetização é a habilidade de conhecer o código alfabético e as regras que o regem na formação de palavras, frases e textos.

Para iniciar a alfabetização a criança precisa que a criança entenda como o sistema de escrita funciona, isto é, ela precisa compreender o princípio alfabético que é a transformação de conversas dos sinais gráficos em unidades sonora e vice-versa.

Entendendo que cada letra tem um som e que esse som pode mudar; então é importante e não tem outro meio a não ser através dos métodos de alfabetização para trabalhar com as crianças.

Pego como fundamento o método silábico e o fônico, trabalhados juntos a criança desenvolve num passar de olhos

Pois eles partem das partes para todo, implicam na memorização e repetição e as dificuldades ortográficas são apenas todas aos alunos gradualmente

Fazendo com que a criança desenvolva autonomia através da alfabetização, pois ela ao escrever e entender que B+A é ba ela consegue escrever e ler várias palavras com ba e assim adiante até conhecer as outras famílias silábicas.

bicas e comunicando os seus desejos e propósitos  
ela se torna alfabetizada e é capaz de ler/escrever qual-  
quer palavra.

Isso se torna o processo de decodificação e codificação  
em função da ativação da memória visual e auditiva.

Curso Normal Superior  
Avaliação Final Alfabetização e Letramento - Valor: 30 pontos

Nome Aluna: L. C. S. M.

Durante o nosso curso vimos, na Disciplina Alfabetização e Letramento, várias teorias e tendências que explicaram o fenômeno da alfabetização e do letramento. Dentre elas escolha uma e elabore um texto justificando sua escola (tendo em vista a sua definição de alfabetização).

Boa sorte, ótimas férias. Foi um prazer conviver e aprender com você!

O ponto de partida para chegar a alfabetização, é a existência de uma perspectiva de algum método. A princípio o que temos que ter em mente quando pensamos em alfabetizar, independentemente em qual etapa está.

Alfabetizar é a habilidade de conhecer o código alfabético e as regras que o regem na forma de palavras, frases, textos.

Letramento é a capacidade de ler e escrever sem decodificar/codificar. É uma leitura icônica da sociedade letrada, sabe o contexto que é a prática social da leitura, sabe o que significa mas não conhece as letras, fonemas, etc. Entende a mensagem mas não decodifica.

Para uma criança ou mesmo um adulto ser alfabetizado ele passa, por três fases: letramento, alfabética, escrita.

Existem vários métodos para chegar a alfabetização: alfabético, fonológico, silábico, mas um completa o outro, ou seja um depende do outro.

Muitos pesquisadores fazem, sobre alfabetização, cada um com sua teoria, é lógico que quando nasce uma teoria nova é sinal de que a antiga não supriu a necessidade.

Segundo Emília Ferreira, uma teoria nova sempre vai criticar a teoria velha.

Na sala de aula onde está a realidade dos nossos alunos, no nosso dia-a-dia, o aluno não é capaz de ser alfabetizado por um único método, um completa o outro.

As primeiras formas de ensinar é o método tradicional o mais comum, mais usado:

- 1º sílaba simples
- 2º sílaba composta
- 3º sílaba com dificuldade

E por fim alcançar nosso objetivo: alfabetizar, que é dar autonomia ao aluno de ler e escrever.

Curso Normal Superior  
Avaliação Final Alfabetização e Letramento - Valor: 30 pontos

Nome Aluna: A. S. M.

Durante o nosso curso vimos, na Disciplina Alfabetização e Letramento, várias teorias e tendências que explicaram o fenômeno da alfabetização e do letramento. Dentre elas escolha uma e elabore um texto justificando sua escolha (tendo em vista a sua definição de alfabetização).

Boa sorte, ótimas férias. Foi um prazer conviver e aprender com você!  
Segundo Capovilla e Capovilla

Ⓢ melhor forma de aprender  
compromisso social, político, ético.

Ⓢ Alfabetizar é um ~~termo~~, pois para conseguirmos que alguém entenda aquilo que lhe é passado, precisamos de esforço e dedicação, e quem é alfabetizado surge uma dívida por entender tudo que lhe foi passado.

Para uma boa e completa alfabetização é necessário que tenhamos as suas aprendizagens pela criança, recursos os quais o professor pode usar para uma boa aprendizagem, como os métodos por exemplo, as três vias para aquisição da leitura pelas quais a criança deve passar. O professor pode fazer com que a criança passe pela fase fonológica, que seria a leitura através de símbolos, sinais, desenhos, por isso faz a criança ver letras, números como desenhos, formas, ela tem uma visão global da escrita, para ela ABEJA pode ser BRUNO, então ela precisa entender que o A tem um som, e que esse som é de A. Nessa mesma fase ela ainda passa pela escrita aleatória onde a ordem não importa, importa a ordem das as letras necessárias à palavra que ela queira escrever estejam no papel, por exemplo BRUNO, para ela não como escrever NOBUN (a suama) precisa memorizar a letra e seu som para que conheça-as no momento de sua - las. Após reconhe - las passa à fase alfabética fonológica, onde a criança usa a memória visual e auditiva (interligadas ambientalmente) para decodificar e entender a palavra, lê por partes (sílabas), escreve pelo som por exemplo TESOORA, pode ser que ela escreva TSOA, mas esta criança, estaria no caminho certo, pois, já decodifica cada parte da palavra, só precisa de um pouco de atenção ao escrevermos que para formarmos a primeira sílaba TE precisamos de duas letras de T+E. Após vencer essa fase, a criança entra na fase ortográfica, nesta ela já reconhece visualmente sem inter - las, reconhece as partes sem precisar decodificá - las para ler e escrever a palavra. Sem memória auditiva e visual ativadas.

Concluindo, a alfabetização é construída através de leitura logográfica, leitura dicodificada (alfabética), leitura dicodificada com compreensão do texto e leitura direta sem dicodificação em função das ativações da memória visual e auditiva. Alfabetização é a habilidade de escrever o alfabético como um conjunto de símbolos gráficos, assim como as regras que o regem na formação de palavras, textos, frases é essa a melhor definição de Alfabetização, na minha opinião.

Curso Normal Superior  
Avaliação Final Alfabetização e Letramento - Valor: 30 pontos

Nome Aluna: A. D. P. S.

Durante o nosso curso vimos, na Disciplina Alfabetização e Letramento, várias teorias e tendências que explicaram o fenômeno da alfabetização e do letramento. Dentre elas escolha uma e elabore um texto justificando sua escolha (tendo em vista a sua definição de alfabetização).  
Boa sorte, ótimas férias. Foi um prazer conviver e aprender com você!

Alfabetização é uma habilidade de natureza conceitual definida como sendo o ato de ler e escrever, uma ação que deve ser estimulada por alguém. Parte do conhecimento do código alfabético e as regras que o regem, na formação de palavras, frases e textos.

Para se pensar em alfabetização, é preciso escolher qual metodologia que será usada, escolher o caminho que será percorrido, neste processo deve-se prever antecipadamente as dificuldades dos alunos, os sucessos e avanços. Imaginar como as crianças aprendem para se pensar em como ensiná-las, escolher um caminho mais fácil para que a criança aprenda. Depois de traçadas as metas inicia-se o trabalho partindo da concepção teórica de ensino bem como que pressupõe que antes de se iniciar qualquer trabalho independente do método, é necessário entender que para ler é preciso a criança precisa compreender, para que e como são utilizadas as letras e as grafias, ela usará mais o estímulo visual (a gravura e o desenho). É necessário que haja um entendimento por parte das crianças sobre o que é a representação das letras, nos pequenos pedaços. Uma tela sacou o que são símbolos da fala. Símbolos traz a ideia fonológica, um desenho representado, o significado com rótulos, que dará a oportunidade de ver a gravura, o desenho das letras, o global através da discriminação visual a criança verá um estímulo, ela irá decodificar o que aquele desenho representa, verá uma escrita ou gravura e terá corretamente, é a fase da leitura fonológica. Nesta fase o pensamento da criança trabalha dentro da semiótica (signo linguístico / significado, significante). Depois dos conceitos parte-se para o estudo das letras do alfabeto, trabalho das letras individualmente (grafias / fonemas). Fixar a letra, o som do rótulo selecionado estabelecer uma relação fonológica. Posteriormente para se trabalhar das sílabas, as palavras e textos integrando-se ao conhecimento ortográfico e suas dificuldades.

Curso Normal Superior  
Avaliação Final Alfabetização e Letramento - Valor: 30 pontos

Nome Aluna: A. M. S.

Durante o nosso curso vimos, na Disciplina Alfabetização e Letramento, várias teorias e tendências que explicaram o fenômeno da alfabetização e do letramento. Dentre elas escolha uma e elabore um texto justificando sua escolha (tendo em vista a sua definição de alfabetização).

Boa sorte. ótimas férias. Foi um prazer conviver e aprender com você!

Um dos que eu aprendi sobre alfabetização, penso dizer que alfabetização é a compreensão do código alfabético, é a capacidade de reconhecer as regras que o regem na formação das palavras, frases e textos.

A alfabetização é a construção das regras gráficas em unidades sonoras, ou seja, é quando o educando percebe que podemos escrever o que falamos, que as palavras possuem vários sons.

Para alfabetizar, eu acho, que é preciso trabalhar maneiras, reconhecer e analisar tradições de alfabetização. Podemos citar o método silábico, que parte do início das letras do alfabeto, ensina a formação das sílabas, palavras, frases e textos. O método silábico, usa uma palavra-chave como base para a construção da sílaba. Além de memorizado o aluno aprende a justapor formando palavras. Já o método fônico, parte dos sons, fonemas, fazendo aglutinação com as regras para a formação de monossílabos que permitem a significação.

Um dos métodos citados eu escolherei o método silábico, porque ele dá mais segurança ao professor. O professor pode fazer mais atividades como por exemplo trabalhar com sílabas. Ele pode pedir que os alunos tenham sílabas de monossílabos conhecidas como a "Coca-Cola", e trabalhar com elas os sons das sílabas formando palavras através das sílabas. Podemos trabalhar também textos, cartazes, a ficha dos nomes dos próprios alunos.

Trabalhamos

trabalhamos um caminho de alfabetização

que fala em métodos alfabéticos, que são a grande razão  
e importância para o educando, muitas vezes compreender, entender que o  
fala e o composto de inúmeros pequenos fonemas. E que através dos  
métodos tradicionais de alfabetização é mais fácil alfabetizar os educandos.

Curso Normal Superior  
Avaliação Final Alfabetização e Letramento - Valor: 30 pontos

Nome Aluna: A. V. L. S.

Durante o nosso curso vimos, na Disciplina Alfabetização e Letramento, várias teorias e tendências que explicaram o fenômeno da alfabetização e do letramento. Dentre elas escolha uma e elabore um texto justificando sua escolha (tendo em vista a sua definição de alfabetização).  
Boa sorte, ótimas férias. Foi um prazer conviver e aprender com você!

Nesta disciplina pude ver e entender vários sentidos e formas de identificar o que significa a palavra "alfabetização". Todas as teorias não vislumbam assim no ensino e currículo, mas é necessário que as entendamos e analisemos corretamente. Pensando em todos os aspectos e qual da teoria de Caspary e Caspary, que explica o fenômeno da alfabetização de uma maneira mais simples, porém é simples em sua extensão prática do dia-a-dia e está sempre junto da realidade e atualidade, mas, não deixa de lado a eficácia dos métodos, segundo o "fônico", possui também a consciência silábica que nada mais é o início da alfabetização. Já questionar o que é alfabetização? Entendo a ideia que dentro da alfabetização estão os grafemas, as fonemas, e o aluno não sabe ler totalmente, apenas conhece algumas letras; alfabetização também pode se dizer que é o conhecimento que o aluno tem, mas não sabe ler nem escrever.

Porém Caspary tem uma visão mais completa; que: ser alfabetizado é compreender o alfabeto como um conjunto de símbolos gráficos, assim como as regras, as regras.

É o único caminho que se encontra sem para percorrer e passar por fases: 1ª fase ⇒ Pré-gráfica, ler por desenhos a criança vê a palavra como desenho. 2ª fase - Alfabetização natural e escrita das famílias simples, por decodificações fonológicas "inventar como ouvir" (A criança é capaz de ler palavras quaisquer palavras formadas por famílias simples). 3ª fase a criança habilitada de fazer leitura gráfica e visual (ortográfica-visual) ler e escrever. 4ª fase ⇒ Já está alfabetizado, está no contexto ortográfico.

Curso Normal Superior  
Avaliação Final Alfabetização e Letramento - Valor: 30 pontos

Nome Aluna: A. A. S.

Durante o nosso curso vimos, na Disciplina Alfabetização e Letramento, várias teorias e tendências que explicaram o fenômeno da alfabetização e do letramento. Dentre elas escolha uma e elabore um texto justificando sua escolha (tendo em vista a sua definição de alfabetização).  
Boa sorte, ótimas férias. Foi um prazer conviver e aprender com você!

### Alfabetização

Alfabetização é a habilidade de conhecer o código alfabético e suas regras que levam à formação de palavras, frases, textos e a base de construção da escrita e leitura da criança.

Dentro desta definição é necessário que utilizemos métodos tradicionais de alfabetização.

Os métodos Tradicionais de alfabetização são seguidos pelas regras, envolve a memorização de sílabas, palavras, frases e a repetição por escrito. Concordo com os métodos onde que se trabalha com a linguagem de conhecimento dos alunos, mostrando os caminhos que estão seguindo identificando sílabas até chegar as palavras.

Dentre eles podemos citar os métodos sintéticos que caracterizam os sílabas, silábico e o alfabético, o método analítico: Textos, palavras, frases.

Como característica dos métodos sintéticos podemos citar o método sintético que implicam na memorização e repetição, o aluno aprende rapidamente, partem das partes para o todo, isto é da síntese para a análise.

Método Analítico caracteriza-se na análise do todo para a análise das partes que o compõem, há um grande esforço de visualização e memorização, valoriza a significação da palavra e seu conteúdo ideativo.

Porém eu acho válido o método silábico que usa uma palavra e a escreve apenas como fonte para a identificação da sílaba. Depois das sílabas memorizadas, o aluno aprende a juntá-las formando

palavras.

Inicia com as famílias do D - DA - DE - DI - DO - DU. formam sílabas depois palavras, frases, textos. Exemplos. Dado - dedo - O Dedo do papai é grande.

Seguindo assim de outras palavras até a criança se alfabetizar e tornar-se um excelente profissional no futuro.

Curso Normal Superior  
Avaliação Final Alfabetização e Letramento - Valor: 30 pontos

Nome Aluna: A. M. F.

Durante o nosso curso vimos, na Disciplina Alfabetização e Letramento, várias teorias e tendências que explicaram o fenômeno da alfabetização e do letramento. Dentre elas escolha uma e elabore um texto justificando sua escolha (tendo em vista a sua definição de alfabetização).

Boa sorte, ótimas férias. Foi um prazer conviver e aprender com você!

Na minha concepção sobre alfabetização, eu concordo com a Maria Leme, onde ela fala que a criança para ler e escrever precisa compreender, para que, a partir daí, utilize letras, as letras e os fonemas, de acordo com a maneira Leme, onde fala que a criança não precisa ter acesso ao significado, onde se pode trabalhar com letras, sons etc.

Em segundo lugar, a criança precisa ter uma noção das formas das letras e não se trabalhar com a criança disléxica. (um que não lê direito!)  
Em terceiro lugar, trabalhar a discriminação dos sons da fala, que é trabalhada com os perfis, sons que apresentam repetições de sílabas.

Em quarto lugar a criança tem a consciência da unidade fonológica, onde se pode contar quantos fonemas há numa expressão.

E em quinto lugar, trabalhar a organização da página escrita, onde se pode trabalhar textos familiares e versos.

Portanto, a alfabetização de acordo com Maria Leme, é um processo sequencial com etapas de fonemas, sílabas, palavras e textos.

Tendo também a valorizar o processo de codificação e decodificação (leitura e escrita).

Obtenha também os aspectos físicos e perceptivos dos grafismos e fonemas.

Curso Normal Superior  
Avaliação Final Alfabetização e Letramento - Valor: 30 pontos

Nome Aluna: E. S. L. F.

Durante o nosso curso vimos, na Disciplina Alfabetização e Letramento, várias teorias e tendências que explicaram o fenômeno da alfabetização e do letramento. Diante delas escolha uma e elabore um texto justificando sua escolha (tendo em vista a sua definição de alfabetização).

Boa sorte, ótimas férias. Foi um prazer conviver e aprender com você!

Alfabetização é a habilidade de conhecer o código alfabético e as regras que o regem na formação de palavras, frases, textos.

Alfabetização pressupõe entender o alfabeto, a transformação, conversão dos sinais gráficos em unidades sonoras e vice-versa, daí a autonomia a os alunos.

Mas para conseguir que a criança alfabetize, é preciso utilizar um método de alfabetização.

Entre os métodos de alfabetização, eu sou a favor do método silábico, pois é mais simples de trabalhar, e por isso de melhor entendimento para a criança.

O método silábico, parte das sílabas, depois as palavras, das palavras as frases. Difere dos outros métodos, por ser a sílaba a unidade fonética estabelecida como ponto de partida do ensino da leitura.

Quando se ensina por este processo, inicia-se com um treino auditivo, onde o aluno percebe que as palavras são formadas por estruturas silábicas simples, (sílabas constituídas por consoante e vogal, ou por sílabas mais complexas, (sílabas constituídas por consoante, consoante vogal, ou consoante, vogal, consoante).

Comumente, começa-se o ensino da leitura pelas vogais, com a ajuda de ilustrações e palavras. Para o estudo da vogal, o tema-se a palavra-chave e uma palavra correspondente, utiliza-se uma palavra com uma inicial, e uma palavra que repete a vogal. Recorre-se desta forma com as demais vogais. Em seguida, fazem-se exercícios de fixar cada vogal em diversas consoantes.  
(-> vice).

O processo de sílabogã é também conhecido como *vacado*, em que se agrupam, em ordem alfabética, diferentes consoantes, com a mesma vogal. Os processos do método silábico têm características bem distintas. Esses processos empregam o raciocínio indutivo, isto é, marcham da parte para o todo: têm como base psicológica uma das tendências que explicam o processo de aprendizagem. No caso da alfabetização, o método silábico está baseado na associação dos elementos (letra, som, sílaba).

*Desmontagem do método:*  
Do ponto de vista lingüístico, esses processos não partem de unidades significativas da língua e, conseqüentemente, podem conduzir ao desinteresse. Esse método chegou a ser visto, por muitos autores, como uma tortura para o aluno, principalmente no que concerne ao processo alfabético.

Os processos sintéticos sobrecarregam a memória dos alunos nos primeiros estágios com unidades pouco significativas (letra, som, sílaba), causando o risco de desmotivação do aluno ou de torná-lo um leitor mecânico.

## AUTORIZAÇÃO

Autorizo o empréstimo e a reprodução total ou parcial do meu trabalho, ficando a pessoa interessada responsável pela citação, na íntegra, da fonte consultada.

Empréstimo

Reprodução total

Reprodução parcial

---

Glásia Freire Corrêa Souto

Autora do Trabalho